

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO

BRUNA VIEIRA FILOMENO

**FOTOGRAFIA, ARTE E MEMÓRIA: ´
ABRAÇANDO A INFÂNCIA**

CRICIÚMA

2020

BRUNA VIEIRA FILOMENO

**FOTOGRAFIA, ARTE E MEMÓRIA:
ABRAÇANDO A INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

CRICIÚMA

2020

BRUNA VIEIRA FILOMENO

**FOTOGRAFIA, ARTE E MEMÓRIA:
ABRAÇANDO A INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 09 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestrado em Educação - UNESC -
Orientadora

Prof. Me. Marcelo Feldhaus – Mestrado em Educação - UNESC

Prof.^a Ma. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestrado em Ciências da Linguagem -
UNISUL

Dedico esta pesquisa ao meu avô materno, Fanor Vieira, que me acompanhou em todos os momentos da minha infância, registrando tudo com as lentes da sua câmera fotográfica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer muito a Deus, por ter me dado a vida e me ajudado a chegar nesta reta final.

A minha família, em especial, a minha mãe, a minha rainha, quem amo muito e que sempre esteve ao meu lado. Nunca mediu esforços para me ajudar em qualquer situação da minha vida e, principalmente, durante todo o curso até a produção deste trabalho. Sempre me fez entender que eu posso e preciso enfrentar os desafios da vida, sem nunca desistir, mesmo que pareça impossível. Ela é quem me fez e me faz enxergar que, mesmo com as limitações que tenho, sou igual a qualquer pessoa. Esta vitória é nossa, mãe!!

Aos meus avós maternos, por terem ajudado a me criar, sempre me dando muito amor.

Ao meu irmão Vítor, que mesmo morando longe, sempre me ajudou tirando as dúvidas que iam surgindo, principalmente, quanto às questões técnicas do texto.

Ao Professor Marcelo Feldhaus, com muito carinho, por ter me incentivado a iniciar o Curso de Artes, acolhendo-me de forma compreensiva, sempre me dando uma atenção especial nos meus momentos de angústias e incertezas. Ele é, também, responsável por esta vitória.

Preciso agradecer, de forma bastante especial, a Professora Silemar, minha orientadora, pois me deu muita atenção e teve muita paciência. Por mais que eu tenha tido dificuldades, ela com o jeitinho que é só dela, soube compreender e respeitar as minhas limitações, sem pressão e cobranças excessivas, orientando-me da forma mais tranquila e sábia que um professor pode ter.

Aos demais professores do curso e, também, funcionários do departamento, meus sinceros agradecimentos.

Finalizo, agradecendo aos demais familiares, colegas, amigos e conhecidos que, de alguma forma, direta ou indireta, torceram por mim.

“Através da fotografia, cada família constrói uma crônica – retrato de si mesma -, uma coleção portátil de imagens que testemunha sua coesão. Pouca importância têm as atividades que são fotografadas, contanto que se tirem fotografias e que essas sirvam de lembranças”.

Susan Sontag

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada “*Fotografia, arte e memória: abraçando a infância*”, insere-se na linha de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais/Bacharelado da Unesc, tratando das relações que existem entre a fotografia e a arte, bem como das memórias da minha infância presentes nesse contexto. Para isso, enquanto artista em construção, proponho uma reflexão a partir do problema: De que forma materializar artisticamente as memórias trazidas pelas fotografias de um avô fotógrafo, que contam de uma menina que vai construindo a sua identidade artística? Sendo uma pesquisa em arte, enfatizada como percurso metodológico a A/r/tografia, na qual, o teor descritivo é a base do trabalho, evidenciando a fotografia no processo da criação artística. Quanto ao método, esta pesquisa é narrativa por se caracterizar como uma maneira de se compreender as vivências humanas, já que são narradas histórias, que vão desde o surgimento da fotografia até histórias da minha família. Apresenta, também, pesquisas bibliográficas, por meio das quais, dialogo com teóricos como Barthes (1985), Dubois (1993), Kossoy (2001), Canton (2009) e Cotton (2010). A materialização das memórias trazidas pelas fotografias do meu avô fotógrafo, que contam da minha infância, resulta numa instalação que remonta parte de um estúdio fotográfico, acrescido de intervenções em desenho feitas nos textos escritos pelo meu avô. Neste cenário, coloco, entre outras coisas, uma sombrinha de um refletor com negativos pendurados, como uma **chuva de memórias**, nome que dou à obra que apresento.

Palavras-chave: Arte. Fotografia. Memória. Infância. Identidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Parede de Memória (detalhe), Rosana Paulino.	27
Imagem 2: Série “Cartas de areia”, José Rufino / Desenhos e monotipias, 1991	28
Imagem 3: Eu, recém-nascida, no colo da mãe, Laguna,1992	32
Imagem 4: Com 1 mês, Laguna, 1992	32
Imagem 5: Aos meus 8 meses, Laguna,1993	33
Imagem 6: Com 6 meses, no estúdio do meu avô, Laguna, 1993	33
Imagem 7: 1 ano, no estúdio do meu avô, Laguna, 1993.....	34
Imagem 8: Festa de aniversário de 2 anos, Laguna,1994	34
Imagem 9: Meus pais, avós, tios e amigos na festa de 2 anos, 1994	35
Imagem 10: Festa de 4 aninhos, Criciúma, 1996.....	35
Imagem 11: Aniversário de 5 anos, Criciúma, 1997	36
Imagem 12: Festa de 6 anos, Criciúma, 1998	36
Imagem 13: Praia do Mar Grosso, Laguna, 1994.....	37
Imagem 14: Carnaval, Criciúma, 1998	37
Imagem 15: Festa Junina na creche, Criciúma, 1997	38
Imagem 16: Festa de fim de ano na creche, 1997.....	38
Imagem 17: Primeiro dia de aula, no estúdio, Criciúma,1999	39
Imagem 18: Homenagem Dia das Mães, 1999.....	39
Imagem 19: Plantando árvore, Criciúma, 2000	40
Imagem 20: Festa junina, estúdio do vô, Criciúma, 2000.....	40
Imagem 21: Estúdio fotográfico do vô	41
Imagem 22: Estúdio do vô, Criciúma, 1996.....	41
Imagem 23: Estúdio do vô, Criciúma, 1995.....	42
Imagem 24: Carnaval, estúdio do vô, 2000.....	42
Imagem 25: Estúdio do vô, Criciúma, 2001.....	43
Imagem 26: Bichinhos da Parmalat, estúdio do meu avô,Criciúma, 1997	44
Imagem 27: Meu avô e eu, Criciúma, 1994	45
Imagem 28: Eu e ele, Criciúma, 2017.....	45
Imagem 29: Nós dois na praia, Laguna, 1998	46
Imagem 30: Primeira página dos rascunhos.....	47
Imagem 31: As 14 páginas escritas por ele	48
Imagem 32: Vô Vieira, aos 80 anos, 2019	50

Imagem 33: Ele com todos os netos, festa 80 anos	50
Imagem 34: Vô Fanor, aos 15 anos, fazendo pintura à mão, 1954.....	51
Imagem 35: Vô Vieira, com 21 anos, em Porto Alegre, 1960	51
Imagem 36: Ele com 75 anos, 2014.....	52
Imagem 37: Bodas de prata dos meus bisavós meu vô e irmãos, 1963	53
Imagem 38: Minha mãe posando para meu tio, no estúdio do vô, 1973	53
Imagem 39: Vô Fanor, reportagem fotográfica de futebol, 1965, Porto Alegre	53
Imagem 40: Fachada do Foto Vieira, 2000	54
Imagem 41: Vô Vieira fazendo as revelações de filmes, 1999	54
Imagem 42: Foto Vieira recebendo o prêmio “ Destaque do ano”, 2002	55
Imagem 43: Estúdio a ser reconstituído	60
Imagem 44: Fazendo a intervenção artística nos rascunhos do meu avô.....	61
Imagem 45: Reconstituindo as tiras de negativos.....	62
Imagem 46: Ideia em arte gráfica	63
Imagem 47: Ideia em fotografia	63

SUMÁRIO

1 INÍCIO DO PERCURSO: O COMEÇO “DE TUDO”	10
1.1 MAPEANDO OS CAPÍTULOS	12
1.2 PERCURSO TRAÇADO: COMO FIZ	14
2 FOTOGRAFIA E ARTE	18
2.1 HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA “CONTADA DO MEU JEITO”	20
2.2 AS RELAÇÕES ENTRE FOTOGRAFIA E ARTE (Aproximações e	22
distanciamentos)	22
2.2.1 Artistas que me inspiram neste percurso	25
3 HISTÓRIA CONTADA POR FOTOGRAFIAS: A MINHA HISTÓRIA.....	30
3.1 UMA INFÂNCIA EM FOTOS	30
3.2 FAMÍLIA VIEIRA E A PROFISSÃO FOTÓGRAFO “HISTÓRIA CONTADA DO	
JEITO DELE”	46
4 FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: NASCE UMA ARTISTA	56
4.1 IDENTIDADE E ARTE: (RE)ENCONTROS COM A INFÂNCIA	57
4.2. CHUVA DE MEMÓRIAS	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	66

1 INÍCIO DO PERCURSO: O COMEÇO “DE TUDO”

Como iniciar um percurso que parte do meu passado e mexe diretamente com as minhas memórias? O que dizer quando o exercício de me fazer artista ainda está em construção como algo em movimento? Meus desenhos revelam uma relação forte com a infância. Minha caixa de memória guarda fotografias (que não são poucas) que registram os momentos vividos intensamente e exalam os sentimentos da criança que até hoje ainda mora em mim. Meus sonhos de menina borbulham no meu pensamento. Sou jovem, mas continuo muito apegada a essa fase da vida com a qual me identifico, pois é nela que construímos a nossa identidade e buscamos fortalecer tudo o que virá depois. O que virá depois? Tem um depois? Como deixar a infância falar quando nos exigem crescer? Esse crescer recheado de infância, reconhecida aqui como uma parte da vida que também cria, de maneira muito forte, os laços afetivos mais importantes e inesquecíveis que nossa memória guarda. Meu avô fotógrafo foi quem registrou parte de minha infância que vai fomentando o que aqui desejo contar, enquanto busco reflexões sobre fotografia e arte.

Nas palavras do romancista Franz Hellens (1958, apud Bachelard, 1996, p.130) “[...] a infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros e continua a nos enriquecer sem que o saibamos”. É baseado nesse pensamento do autor que, como acadêmica do Curso de Artes Visuais e nascida numa família de fotógrafos, pretendo apresentar e desenvolver esta pesquisa, intitulada **“Fotografia, arte e memória: abraçando a infância”**

Quando muito pequena ainda, me via sempre rodeada de câmeras fotográficas, flashes disparando para todo lado. Era diante da figura do meu avô materno. Ele, que não se cansava de me colocar sempre em posições precisas e com poses, dentro da visão dele, claro, os mais naturais possíveis, diante das suas lentes profissionais. No fim da década de 50, aos seus 19 anos, o fotógrafo Fanor José Vieira, o meu admirável avô, começava a andar pelas ruas da cidade de Criciúma¹, carregando uma câmera *Yashica D*², procurando situações, acontecimentos e pessoas para fotografar e, com isso, ajudar no sustento da sua família. Essa atividade fez com que, a cada dia mais, ele se dedicasse e procurasse fazer melhor. Foram cursos e mais cursos para aprimorar a sua profissão de fotógrafo.

1 Criciúma, cidade em que cresci. Localiza-se ao Sul do Estado de Santa Catarina, a aproximadamente 200 km da capital, Florianópolis.

² Uma câmera da década de 50/60. Para saber mais sobre ela, consulte o manual – link http://www.cameramanuals.org/yashica_pdf/yashica_d.pdf

Inspirados nele e o tendo como exemplo, dois dos quatro irmãos seguiram o mesmo caminho e dali, em diante, construíram uma linda história na família, deixando seu legado a alguns dos filhos e netos, que até hoje, fazem disso também sua profissão. Esse contexto histórico-familiar, a minha criação próxima a ele, o prazer de estar em meio à paisagem ou em qualquer outro cenário para ser clicada, até mesmo, vestida de “bichinhos da Parmalat”³; além, claro, do gosto pela arte, são os motivos que me levaram a escolher este tema, a que defino como objetivo primeiro, ou seja, refletir sobre as memórias da infância, fotografia, arte e identidade no percurso de uma artista em construção.

Como materializar artisticamente essas questões? De que forma estabelecer o diálogo entre a fotografia, a infância e a arte? A memória e a identidade estariam relacionadas a esse desafio? Que produção artística este trabalho de conclusão de curso está buscando? Essas e outras questões me acompanham. Posso não ter todas as respostas para essas indagações, mas entendo que, no percurso, elas deverão vir ou se fazerem como indicativos para caminhos dessa produção.

Este meu desafio busca enfatizar as possíveis relações da fotografia com a arte, como também um recurso de memória na história de família, a Família Vieira, a qual se constitui de fotógrafos, profissão passada por gerações, como disse anteriormente. Quando falamos em memória, pensamos em guardar informações que, de alguma maneira, são importantes e se fazem como lembranças que nos colocam conectados ao passado, possibilitando-nos maior compreensão da nossa identidade e da nossa história.

Como falar de fotografia em uma proposta de arte? De que arte estamos falando? O conceito de arte não é algo fixo e acabado. Ele muda. Sofre mudança de sujeito para sujeito, de lugar para lugar, provocado também pela questão temporal. O que se pensava como critérios para se estabelecer algo como arte antes, mesmo quando eu era pequena, não é mais o mesmo. A fotografia que meu avô fazia, 30 anos atrás, tem diferenças técnicas e estéticas e a sua relação com a arte também mudou. Arlindo Machado, em seu livro *Arte e mídia*, diz que “se a arte é feita com os meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual” (2008, p. 10). Então, a fotografia é um meio que pode ser usado como produção artística, certamente. Mas, é claro, que nem todas têm esse fim. Vamos falar sobre isso no capítulo 2.

³ Quando cito “Bichinhos da Parmalat” refiro-me a uma campanha publicitária da Parmalat, que tem por volta de 22 anos, e aconteceu como um fenômeno, pois envolveu milhões de crianças. Tal ação consistiu em distribuir, em apenas um dia, 500 mil bichinhos de pelúcia, em todo o território nacional, como presente na compra do produto da marca citada. Foi considerada a maior troca de brindes da história do país.

A fotografia tem mexido com minhas memórias. Tem me levado à infância com uma alegria sem tamanho. É com essa alegria de menina que pretendo desenvolver uma produção artística, enquanto conto de mim, enquanto deixo aqui meus registros, meus sonhos, pensamentos, minha compreensão sobre a arte e sobre a vida.

(...) A arte contemporânea esparramou-se para além do campo especializado, construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. (COCCHIARALLE, 2006, p. 16)

Quais os temas que para Cocchiaralle, não seria da própria arte? A infância? A fotografia? Mas, desde o surgimento da fotografia a arte já vem buscando diálogos com ela, lembro do filme “Moça com Brinco de Pérolas” (Peter Webber, 2004) quando o artista faz uso da câmara escura para seus retratos.

Nessa direção, volto às questões que aqui serão desenvolvidas e pergunto: Que caminho percorrer? Que percurso? Qual a metodologia? Que pesquisa, na verdade, é esta? Trata-se da pesquisa realizada na graduação, a qual chamamos de Trabalho de Conclusão de Curso.

Esta a que me proponho realizar tem como problema: **De que forma materializar artisticamente as memórias trazidas pelas fotografias de um avô fotógrafo, que contam de uma menina que vai construindo a sua identidade artística?**

1.1 MAPEANDO OS CAPÍTULOS

Esta escrita inicia com a justificativa que chamo de *Início do Percurso: o começo “de tudo”*, mostrando o que me motivou a fazê-la, e abordando os desejos que são apresentados aqui enquanto pesquisa em arte. Conto, ainda, um pouquinho desse começo de tudo, que, ao longo dos próximos capítulos será melhor desenvolvido. Além disso, contempla o mapeamento dos demais, que é o que proponho escrever para que o leitor possa compreender todo o percurso.

Ainda no primeiro capítulo, trato da metodologia, a qual apresenta um diálogo teórico com Severino (2007) e Demo (1995) que trazem o conceito e a importância da pesquisa científica, e Dias e Irwin (2013) que proporcionam o encontro com a A/r/tografia, que é a pesquisa educacional baseada em arte. Além desses, Silva e Menezes (2001), Gil (1999) e Clandinin e Connelly (2011) embasam a abordagem e classificação desta pesquisa.

No capítulo segundo, trago abordagens sobre as relações entre fotografia e arte, buscando um diálogo teórico com Kossoy (2001) e ainda com ele, contemplo brevemente a história da fotografia. Costuro algumas reflexões sobre aproximações e distanciamentos entre a arte e a fotografia, a partir das contribuições de Dubois (1993), de Kossoy (2001), de De Barros (2003) e de Cotton (2010), além de apresentar alguns artistas que me inspiraram e me inspiram a seguir em busca da minha identidade artística, nomes que vão de Tarsila do Amaral até o contemporâneo José Rufino.

O percurso desta escrita vai estreitando a relação entre memória, fotografia, arte e infância, no desafio constante de buscar a identidade artística de quem se faz protagonista de uma história contada por fotografias. Fato que apresento no terceiro capítulo, o qual, se fundamenta teoricamente a partir da abordagem de Quintas (2008) sobre o papel da fotografia enquanto registro narrativo das memórias, além de trazer uma breve discussão a respeito do que é a infância, a partir de conceitos que vão do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 1990), passando pela visão antropológica de Cohn (2005) e chegando à reflexão do escritor Mia Couto (2016). Nesse capítulo, ainda, trago um recheio especial, apresentando, por meio dos relatos do meu querido avô, a história da Família Vieira, a profissão de fotógrafo e todo legado deixado por ele.

O quarto e último capítulo antes das considerações finais, começo com reflexões sobre memória e tempo e a relação direta que existe entre eles, sendo teoricamente embasadas pelas citações de Bosi (2001) e Le Goff (2003). Confirmando essa reflexão e essa relação, costuro comentários trazendo a fotografia como um meio bastante significativo de resgate à memória, o que Kossoy (2001) chama de “memória cristalizada” e Guarnieri (2001) aponta como “passado preservado numa cena congelada”. Também são feitas discussões sobre identidade e memória, já que embora a identidade possa ser construída num processo, ela tem seu ponto de partida numa memória, seja individual ou coletiva, o que é apresentado por Haal (2006) e Souza (2014). Além disso, é feita uma abordagem sobre o processo artístico infantil, o que, de certo modo, contribui para a compreensão dos meus traços artísticos, já que Lowenfeld e Britain (1977) justifica a importância de que seja ultrapassada a beleza externa do trabalho de uma criança e se busque algo a mais desse sujeito a se revelar.

Ainda neste capítulo, apresento os caminhos que me levarão à materialização da minha produção artística, os recursos e técnicas utilizados, propondo diálogos com Salles (2011) a respeito de processo poético e Costa (2004) sobre os meios artísticos, dentre eles a instalação, já que é o escolhido por mim, devido à forma híbrida que é permitida. Termina o

capítulo refletindo sobre esta pesquisa e o quanto ela me ajudou a buscar a identidade da artista que em mim começa a nascer.

No capítulo quinto e último, faço as considerações finais, primeiramente, retomando os motivos que me levaram a pensar e escolher o tema desta pesquisa, bem como a forma como tudo começou. Teço alguns comentários sobre a fotografia e as relações que ela tem com a arte e a memória, evidenciando a minha infância como referência. Em seguida, busco responder ao problema apresentado, no primeiro capítulo, relatando as experiências vividas durante todo o percurso e os desafios encontrados, além do registro da importância do diálogo com os teóricos, com os artistas que me inspiraram e com todos os envolvidos neste processo. Finalizo expondo e comentando como se deu a materialização da minha poética, e de que maneira busquei, por meio dela, encontrar minha identidade artística.

1.2 PERCURSO TRAÇADO: COMO FIZ

De início, é importante conceituar o termo *Metodologia*, que significa “[...] estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência” (DEMO, 1995, p. 11). Ele, Pedro Demo, complementa, ainda, dizendo que a metodologia é uma disciplina que instrumentaliza quanto aos procedimentos a serem tomados na pesquisa, possibilitando acesso aos “[...] caminhos do processo científico” (1995, p.11), além disso, promove questionamentos acerca dos limites da ciência sob os aspectos da capacidade de conhecer e de interferir na realidade.

Já, para Severino (2007, p. 17-18) o trabalho científico

[...] refere-se ao processo de produção do próprio conhecimento científico, atividade epistemológica de apreensão do real; ao mesmo tempo, refere-se igualmente ao conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do estudante [...].

O conhecimento científico tem uma história que está ligada, muitas vezes a uma metodologia de pesquisa tradicional, mas outras abordagens emergem na contemporaneidade, nos permitindo uma flexibilidade no que se refere a pesquisas qualitativas em arte. Encontro em Belidson Dias e Rita L. Irwin (2013) a Pesquisa Educacional Baseada em Artes, enfatizada como **A/r/tografia**. Nessa direção, vamos pensando um percurso contínuo que vai, direta ou indiretamente, provocando novas questões. Para Belidson Dias e Rita L. Irwin (2013, p. 15) “A a/r/tografia (...), enfatiza as identidades do artista, do pesquisador e do

professor. Assim, a pesquisa está profundamente enraizada na noção de a/r/tografia, visto que pesquisa, cria e reinventa para abraçar a investigação como uma forma de Pesquisa Viva”.

A Arte é uma forma de conhecimento da realidade que implica em captar uma parcela de sentido do mundo. Assim, esta pesquisa se insere na linha dos Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais-Bacharelado, é de natureza básica, pois busca as relações entre arte, fotografia e memória, propondo uma reflexão sobre como a história da infância, contada por fotografias, pode contribuir para a construção da identidade artística de uma artista em construção e, conseqüentemente, concretizar-se numa produção.

A abordagem se dá de forma qualitativa, pois “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. (SILVA E MENEZES, 2001, p.20)

Então, o teor descritivo é a base do trabalho, com a intenção de evidenciar que a fotografia também é um processo de criação artística que carrega uma subjetividade que, por vezes, pode transpor o mundo real do sujeito, o qual pode ser representado pelas memórias, por exemplo, em fotos de infância e de família.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como exploratória, já que é “[...] desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 1999, p. 43). Podendo, ainda, fazer uso da exploração bibliográfica, além de usar outros recursos de aproximação do objeto de estudo, como entrevistas e pesquisas de campo, por exemplo.

A pesquisa narrativa é o método artístico utilizado por se caracterizar como uma maneira de se compreender as vivências humanas, o que se confirma com o dito por Clandinin e Connelly (2011, p.18): “[...] uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”.

Assim, fica evidente que, ao apresentar a história da fotografia e todos os seus processos de mudança, ao longo do tempo; ao narrar, de forma um tanto quanto subjetiva, a história da Família Vieira, composta por fotógrafos, em especial a do meu avô; ao apresentar um olhar sobre a minha infância e o quanto ela me constitui ainda hoje; proponho melhor compreender como a arte, direta ou indiretamente, dialoga com essas histórias, por meio da representação das experiências vividas, em contexto pessoal ou social. Como uma pesquisa viva, vou percorrendo um percurso que alimenta poética e esteticamente uma produção artística.

Precisei de uma pesquisa bibliográfica para melhor pontuar os conceitos aqui trazidos e da pesquisa de campo, quando defino que a história de meu avô alimenta minhas memórias de infância enquanto busco na fotografia minha aproximação com a arte. Junto a isso, faço uso de ferramentas de investigação prática, como entrevistas informais – cito meu avô, minha mãe – e busca de registros fotográficos. Foram conversas informais com meu avô que, a pedido meu, escreveu algumas páginas rabiscadas – 14 para ser exata – narrando a sua própria história – eu acreditava que ninguém faria isso de forma mais original que ele mesmo - e nelas registrando detalhes que significaram muito para dar continuidade a este trabalho. Com o auxílio da minha mãe, reescrevi algumas frases do texto – para deixar um pouco mais claros os fatos narrados – até porque a escrita foi muito desprendida de qualquer formalidade e estética - e retornei a ele para que me desse a devolutiva, aprovando cada palavra. O texto final é apresentado no terceiro capítulo; e seus rabiscos, esses se fizeram de suporte enquanto buscava “abraçar” minhas memórias de infância.

Por conta da pandemia da Covid-19⁴, tivemos poucos encontros presenciais, na porta de entrada do apartamento do meu avô. A maior parte de nossas conversas e trocas de informações, fizemos por telefone e vídeo-chamadas por WhatsApp. Quantos encontros? Não sei, pois antecederam esta escrita e nos acompanham ainda hoje e, vez por outra, vou fazendo alterações que ele e minha mãe me lembram de fazer.

Dessas conversas com minha mãe e meu avô, trago as anotações de tudo o que senti ser importante para reforçar o histórico profissional e familiar a que me propus aqui apresentar, já que contam as experiências vividas por eles, não só da fotografia dentro do contexto familiar, mas também, fora dele; em específico, do meu avô e da sua trajetória na cidade de Criciúma. Esses momentos são muito importantes e significativos para a discussão sobre arte, fotografia e memória, pois, certamente, estão carregados de subjetividade, lembranças e saudosismo que se fazem processos poéticos para minha produção artística.

Além disso, faço também a busca das fotografias da família, as quais foram selecionadas por alguns critérios como: época em que foram tiradas, o material e os efeitos utilizados, a composição do cenário, as pessoas e ângulos fotografados e, creio que o mais importante, a representação da história do momento, bem como seu grau de expressividade no que diz respeito às memórias da família. Melhor ainda, as memórias da minha infância. Assim, a minha produção artística tem como elemento principal o saudosismo que representa

⁴ É uma doença infecciosa causada pelo coronavírus, descoberto em dezembro de 2019 e que causou uma pandemia mundial em 2020.

as memórias da infância e da família, que, na verdade, servem de homenagem à história do meu avô e de tudo o que vivi ao lado dele quando criança.

Venho procurando nas fotografias um elemento estético que fale mais forte. Procuro, também, o que ficou do acervo do meu avô já que, depois de se desfazer da loja, quando veio a era da fotografia digital e diminuiu o trabalho feito nos laboratórios fotográficos, fato que ele mesmo conta na sua história, também se desfez de alguns objetos de uso rotineiro. E, diante desse contexto, não encontrei tudo o que queria, mas o encontrado, como câmeras fotográficas que ele utilizou, algumas fotos antigas dele e da família, monóculos, rolos de filmes e negativos, foi o suficiente para que eu pudesse adentrar de vez nesse universo de imagens, reforçando, mais do que nunca, os meus objetivos apresentados para fazer esta pesquisa e ir além dela, com a poética que pretendo apresentar na produção artística. Nesse percurso, encontrei um avô que, à beira dos seus 81 anos, se mostrou interessado e empolgado em contar sua própria história, a qual estava adormecida num passado “esquecido” por conta da rapidez e rotina da vida atual, mas que acabou acordando de forma muito intensa.

As fotografias que encontrei nas caixas do acervo do meu avô, e as que vou folheando nos meus álbuns, vão me cativando e, selecioná-las, é tarefa difícil. Entre elas, encontro negativos de filmes, os quais expondo diante da lamparina de mesa do meu quarto, consigo identificar as imagens por eles reveladas. Isso me faz pensar mais ainda sobre a história que carregam. Como organizar tudo isso para que a poética se sobreponha ao objeto em si? Ainda tenho um longo caminho pela frente. Minha identidade dialoga com esse desafio. Abraçar a infância não é tarefa fácil quando se deseja materializar artisticamente as memórias trazidas pelas fotografias de um avô fotógrafo, que contam de uma menina que vai construindo a sua identidade artística.

2 FOTOGRAFIA E ARTE

Quando a fotografia passou a ser vista e entendida como uma expressão artística? Venho de uma família de fotógrafos e me pergunto se essa família reconheceu ou reconhece a possibilidade dessa relação entre fotografia e arte? Como parte dessa família, busco refletir sobre essa aproximação enquanto conto essa história de que faço parte. Parece confuso, não? Falo da história da Família Vieira ou da história da fotografia? Por que não das duas histórias? Na minha visão, elas se confundem ou se fundem um pouco, já que as memórias que trago comigo acabam influenciando no meu pensar.

A relação entre fotografia e arte pode estar diretamente apoiada na forma em que ela vem sendo usada como meio de reconstrução da memória, tanto individual, como social. Boris Kossoy, fotógrafo e pesquisador paulista, aponta que

[...] apesar de ser a fotografia a própria ‘memória cristalizada’, sua objetividade reside apenas nas aparências. Ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram. (KOSSOY, 2001, p 152)

Então, a história vivida e registrada em documentos, neste caso, a fotografia, precisa ser conhecida para alcançar o seu objetivo de informar, narrar e até mesmo emocionar aqueles que dela não fizeram parte. Por isso, muitos artistas, principalmente, os contemporâneos, trabalham em algumas de suas obras, o resgate à memória, como forma de contextualizar a sua expressividade. No capítulo 4, trago essa abordagem da relação entre fotografia e memória, melhor apresentada e discutida. Vamos voltar à relação entre fotografia e arte e tentar responder aos questionamentos do início deste capítulo?

Bem, a história do surgimento da fotografia, conforme Paganotti (2016, p. 22), foi bastante discutida, por ter muitos nomes atribuídos a sua invenção, como os franceses Niépce e Daguerre, e o inglês Henry Talbot. Segundo ele, em 1839, após a Academia de Ciências Francesa ser comunicada sobre as invenções e o termo *fotografia* ser usado, ela foi finalmente inventada.

Com as técnicas que foram surgindo, desde então, surgiram também novos experimentos e avanços estéticos. Nesse contexto, a ideia de que uma fotografia poderia ser considerada arte e que fotógrafos poderiam ser artistas parecia absurda para alguns. Em 1862, a organização da Exposição Internacional de Londres, recusou-se a exibir fotografias, na mesma sala dedicada às obras de arte, expondo-as na seção de equipamentos mecânicos. Li

isso no site UOL⁵ (FLORES, 2020) e pensei nesse percurso. Meu avô nem tinha nascido nessa época, a história dele com a fotografia vai começar quase 100 anos depois. Mas, mesmo assim, ao vivenciar vários momentos juntos dele, ao ter sido fotografada inúmeras vezes por ele e ao observar os milhares de fotografias que se encontram nos álbuns e caixas que ele guarda e, também, analisando as técnicas - ângulos, luz, entre outras, posso afirmar que não são apenas imagens representando uma realidade, são provocações de memórias. Pensar a fotografia como um desencadeador de memória e sua relação com a arte que expressa sensações e emoções variadas que toda a Família Vieira carrega e eu, em particular, como artista em construção, é o que me move para esta escrita que se caracteriza como o percurso de uma produção artística.

Desde a exposição, pela primeira vez, em 1937, no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), até os dias de hoje, a fotografia passou a ter seu reconhecimento como arte, sendo apreciada também em galerias e outros espaços culturais. Mas nem sempre foi assim. Hoje ainda podemos sentir algumas resistências ou confusão quando pensamos a fotografia como arte. Será que a caixa de fotografia de meu avô é arte? Poderia ser arte? Mesmo sabendo que algumas pessoas da minha família acabam por afirmar que se trata de arte, sei que preciso me pautar em argumentos teóricos para definir quando a fotografia é arte. Convido você a pensar comigo enquanto vou construindo esta escrita.

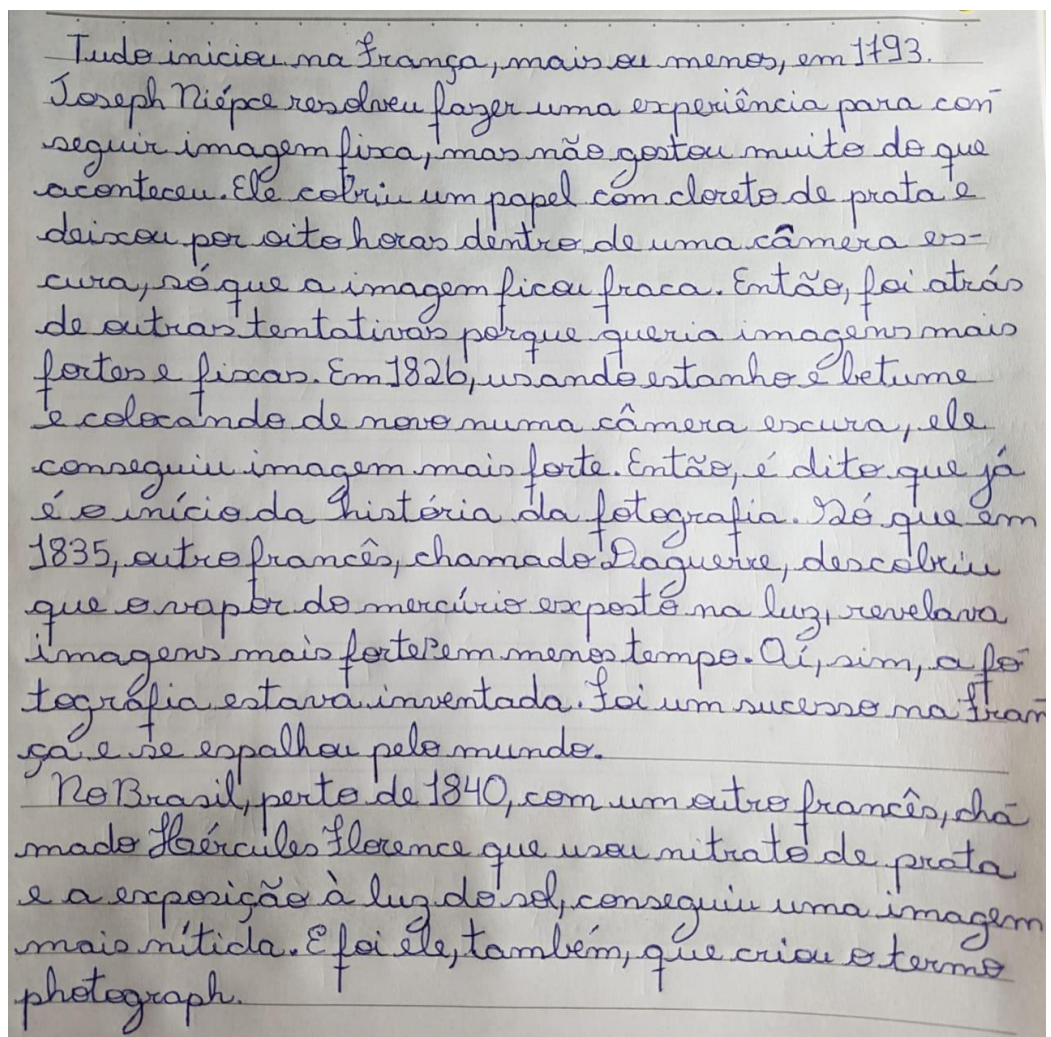
Com base nesse breve histórico sobre fotografia e arte e sobre o papel do fotógrafo ou do artista, podemos refletir ainda a respeito do que acontece quando fotografias produzidas inicialmente sem nenhuma pretensão artística, no contexto familiar da “casa” e da “família”, ou como mera profissão, acabam se tornando arte, ganhando novos significados e resgatando a memória. Algumas perguntas me acompanham: como se observa a arte nas fotografias de família? De que forma a profissão de fotógrafo representa a identidade da Família Vieira? Como as memórias trazidas pelas minhas fotografias de infância podem constituir uma produção que represente a minha identidade artística?

Talvez eu encontre algumas dessas respostas, buscando melhor compreender a própria história da fotografia, enquanto vou refletindo sobre a relação dela com a história contada por meu avô.

⁵ <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/19/todo-fotografo-e-artista-o-que-transforma-a-imagem-em-um-objeto-de-arte.htm>

2.1 HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA “CONTADA DO MEU JEITO”

Tenho as minhas limitações, quem me conhece sabe. Você também deve ter alguma, quem não tem? Dentre as minhas, destaco a que envolve uma dificuldade de compreensão e de escrita, quando elas se apresentam mais complexas e exigem maior articulação; mas, tenho me dedicado bastante para superá-las. E a participação no Curso de Artes Visuais tem me oportunizado desafios que me ajudaram e continuam ajudando a não desistir e a prosseguir neste caminho de superação. Então, senti necessidade de me fazer mais autoral, fazendo este movimento de pegar o papel e a caneta e, “do meu jeito”, contar um pouco do que fui pesquisando, entendendo e assimilando sobre a história a que aqui proponho rememorar. Notem que, segue abaixo, o papel à marca de tinta, de uma caneta esferográfica, com a qual fui desenhando as letras, formando as palavras e compondo cada frase a que me propus escrever a história da fotografia. Peço licença para apresentar do “meu jeito”, aqui, esta escrita:



Tudo iniciou na França, mais ou menos, em 1793. Joseph Niépce resolveu fazer uma experiência para conseguir imagem fixa, mas não gostou muito do que aconteceu. Ele cobriu um papel com cloreto de prata e deixou por oito horas dentro de uma câmera escura, só que a imagem ficou fraca. Então, foi atrás de outras tentativas porque queria imagens mais fortes e fixas. Em 1826, usando estanho e betume e colocando de novo numa câmera escura, ele conseguiu imagem mais forte. Então, é dito que já é o início da história da fotografia. Já que em 1835, outro francês, chamado Daguerre, descobriu que o vapor de mercúrio exposto na luz, revelava imagens mais fortes em menos tempo. Aí, sim, a fotografia estava inventada. Foi um sucesso na França e se espalhou pelo mundo.

No Brasil, perto de 1840, com um outro francês, chamado Hércules Florence que usou nitrato de prata e a exposição à luz do sol, conseguiu uma imagem mais nítida. E foi ele, também, que criou o termo photograph.

A fotografia se classifica conforme suas funções de muitas formas porque depende das interpretações que elas podem ter. Depende do fotógrafo e de quem olha a foto porque cada um tem uma intenção.

No meu projeto falo de duas: arte e memória, mas tem outras, até como informação. Arte quando o fotógrafo se preocupa com a pose, a luz, o cenário e quer passar uma ideia e a pessoa que olhar vai observar e interpretar o que é a arte. Memória é quando a foto relembra o passado, como eu que olho a minha foto de infância e me bate uma saudade de resgatar tudo que passou. Informação é quando a foto representa um fato noticiado, jornalístico para mostrar exatamente o que aconteceu.

Fotografia é a imagem, que reflete um acontecimento, uma situação, um sentimento e um lugar. Através dela podemos viajar ao passado, viajar pelo mundo e ter várias sensações.

Fui breve, não? Verdade. Faltaram informações? Certamente. Mas estava empolgada e queria deixar aqui um registro dessa busca. Um texto objetivo que me remete a pensar em uma história mais próxima, que envolve um fotógrafo que me enche de orgulho, que é o meu avô. Uma foto de uma escrita? Sim, uma escrita estampada em uma imagem. Coisa de menina romântica que quer contar essa história, que vai se entrelaçando com outras, como a que pedi para que meu avô escrevesse, e ele escreveu.

2.2 AS RELAÇÕES ENTRE FOTOGRAFIA E ARTE (Aproximações e distanciamentos)

Fotografia é arte? Se sim, como se deu essa constatação? Se não, quais ideias e conceitos que a impediram de ser? É uma discussão que apresento neste capítulo, buscando mostrar as suas aproximações e seus distanciamentos.

De acordo com De Castro (2012, p. 1), “A fotografia possui várias funções, porém nunca perde sua essência, ser uma forma de arte”. Quando se observa uma produção artística, a interpretação que se dá varia de acordo com a percepção, o sentimento, o olhar e a interação que é construída entre o criador e o observador, o que depende também da bagagem cultural que cada um carrega, afirmação que dialoga com Boris Kossoy.

No esforço de interpretação das imagens fixas, acompanhadas ou não de textos, a leitura das mesmas se abre em leque para diferentes interpretações a partir daquilo que o receptor projeta de si, em função do seu repertório cultural, de sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural. (KOSSOY, 2001, p.115)

A partir disso, entende-se então que, embora haja alguns distanciamentos entre fotografia e arte, as aproximações são bastantes e pontuais. Com o avanço das técnicas e procedimentos e, até mesmo, com o propósito diferenciado, os fotógrafos conseguiram se desprender do conceito inicial e tradicional da fotografia, e romper com as barreiras e preconceitos que se mantinham até meados do século XIX. Novamente, conforme Kossoy:

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de emoções e detonador de emoções. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que o observarem livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. (KOSSOY, 2001, p.28)

Dessa forma, deve-se levar em conta que a arte, desde sempre, é um processo que vai além da comunicação porque se faz em um campo aberto, no qual o espectador atribui significado ao que vê, sente, ouve, percebe. E que, como recurso visual, sonoro, tátil, dialoga, ou pode dialogar com outras referências, dentre elas, remeto-me à fotografia, tanto a documental, quanto a social, que também deve ser considerada um processo comunicativo e, por vezes, artístico, assim como uma outra classificação que, por ventura, lhe for atribuída.

A história da fotografia, como percebido, no tópico anterior, é carregada de dúvidas e incertezas. Após muitas tentativas, finalmente, foi declarada uma invenção em 1839. E foi já,

a partir desse momento, que algumas discussões surgiram a respeito do seu valor artístico, novidade que gerou polêmicas.

Com o advento tecnológico, as técnicas começaram a ser aprimoradas, buscando cada vez mais, os resultados estéticos, o que para alguns, foi motivo de críticas. Como um fotógrafo poderia ser um artista? Charles Baudelaire (1859, p. 103), poeta e pensador francês, muito incomodado disse que “[...] a fotografia era o inimigo mais mortífero da arte”.

Outras críticas foram frequentes, como a do escritor e crítico de arte inglês, John Ruskin (1843-1887, apud Kern, 2010, p. 111) quando afirmou que a fotografia não teria nenhuma relação com a arte e que jamais a substituiria. Esse conceito negativo, realmente, apontava a fotografia, simplesmente, como uma ação técnica, que utilizava a luz, para apenas registrar a realidade.

Segundo o site UOL (FLORES, 2020), a não aceitação da fotografia como arte ficou tão enraizada que a organização da Exposição Internacional de Londres de 1862, evento que movimentou o mundo da tecnologia e das artes, não aceitou que fotografias fossem expostas na mesma sala reservada às obras de arte, expondo-as nas salas de equipamentos.

Na década de 1890, o movimento pictorialista, formado por fotógrafos da França, Inglaterra e Estados Unidos, começou a produzir a fotografia artística, já que a perceberam com um papel também subjetivo e, com isso, começou a ser vista como arte, dando a ela, um aspecto de pintura. E, no início do século XX, os artistas Alfred Stieglitz (EUA), e Edward Steinchen (Luxemburgo), foram os primeiros a exporem suas fotografias em museus, e então, segundo Cock e Farthing (2011, p. 356), "a fotografia foi aceita como arte pela primeira vez."

Em meados do mesmo século, a fotojornalismo influenciou esse conceito, por apresentar uma imagem que passa a sensação de uma ação impensada, natural em que os fotógrafos clicam de forma espontânea, trazendo mais subjetividade, levando a ser tratada como arte e levando-a a galerias de artes e revistas como cita Charlotte Cotton:

A arte conceitual usou a fotografia como meio de transmitir ideias ou atos artísticos efêmeros, fazendo as vezes do objeto de arte nas galerias ou nas páginas de revistas de arte. Essa versatilidade do status da fotografia, como documento e evidência da arte, tem uma vitalidade intelectual e ambiguidade bem usadas pela fotografia artística contemporânea. (COTTON, 2010, p. 22)

Com o advento modernista, primeira metade do século XX, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MOMA) realizou uma importante exposição fotográfica e inaugurou seu próprio departamento de fotografia, consolidando assim o conceito da fotografia como

arte, que, por sua vez, passou a ter significação cultural, conquistando o seu tão desejado lugar no cenário artístico. Segundo Costa (2008, p.133),

Cabe-nos situar o processo de legitimação da fotografia pelos museus de arte como um fenômeno complexo, engendrado por meio de três diferentes estratégias, cada uma delas com suas próprias premissas. A primeira consistiu na institucionalização da chamada fotografia direta pelo Departamento de Fotografia do Museu de Arte Moderna de Nova York, criado em 1940. Sob a curadoria de Beaumont Newhall (1940-1945) o Departamento iria estabelecer os critérios definidores do que seria a fotografia artística. Segundo Christopher Phillips a transformação cultural que possibilitou a assimilação da fotografia como arte pelo museu foi paradoxal: o museu passou a valorizar a fotografia não enquanto imagem reproduzível e versátil, mas enquanto objeto de coleção, pautado por valores como raridade, autenticidade, expressão pessoal e virtuosismo técnico. Essa leitura formalista da fotografia, que defende a sua pertinência ao campo da arte moderna, a sua especificidade enquanto linguagem e o seu estatuto como obra autônoma de caráter autoral, seria reiterada posteriormente por John Szarkowski, influente curador que iria dirigir o Departamento de Fotografia do museu americano entre 1962 e 1991.

Após toda essa mudança de conceitos, mais estudos se deram a respeito da arte e fotografia, trazendo novas ideias para contribuir para as reflexões do conteúdo artístico que compõe esse dueto. “A arte tornou-se fotográfica” (1993, p. 251), afirmou Dubois, que está presente no título de um dos capítulos de *O Ato Fotográfico* (1993), obra que apresenta significativas reflexões a respeito desse assunto e que serviu e serve de referências para vários trabalhos, a exemplo deste. Ainda para o autor (1986), “ao longo do século XX, será antes a arte que insistirá em se impregnar de certas lógicas (formais, conceituais, de percepção, ideológicas ou outras) próprias à fotografia”.

Para Souza (2010, p. 51):

Impacto do surgimento da fotografia nas artes visuais é bastante citado por muitos autores como uma “ferramenta de libertação”, onde o artista não precisaria mais perder tempo com a matemática aplicada à pintura, ou qual fosse a expressão de representação, no intuito de chegar a ilusão perfeita de realidade – através das proporções, perspectiva e ponto de fuga. Nenhuma pintura seria capaz de reproduzir uma imagem tão real após o surgimento da fotografia.

E é assim como “ferramentas da libertação” que vejo as fotos dos arquivos de meu avô, as quais me inspiram e me seduzem e, dessa forma, contam deste processo que vou materializando como produção artística enquanto vou me apropriando desse desafio que a fotografia enfrentou na sua relação com a arte e que, hoje, é uma das suas linguagens. Fazendo uma referência a isso, Aumont (2008, p. 261) apontou:

Afirmam (os historiadores da arte) que a invenção da fotografia, depois a do cinema, de alguma forma canalizou, drenou a necessidade de imitação sempre presente na raiz da atividade artística, e a eliminou assim da pintura -- a qual podia a partir daí lançar-se na aventura da abstração.

No Brasil, a fotografia como arte surge, por volta de 1939, com os movimentos de foto clubes que introduziram o modernismo à fotografia brasileira e revelaram uma geração de artistas como Germano da Costa, Geraldo de Barros e Thomaz Farkas. O processo fotográfico era baseado na experimentação, como fotomontagens, colagens, e intervenções diretas no negativo, tendo o dadaísmo e o surrealismo grande influência para esses artistas.

Uma arte que se criava nos erros e acasos, conforme De Barros (2003, p. 11):

Era no erro e no acaso que residiam a criação fotográfica. Também, o aprendizado e a técnica eram secundários. O suficiente apenas para poder expressar o que queria. A sofisticação técnica levava ao empobrecimento dos resultados da imaginação e da criatividade, achando negativo tais situações para a arte fotográfica.

A relação da fotografia com a arte vem fazendo história e nela, como artista em construção, quero me envolver a partir de uma relação com as produções fotográficas de um profissional que fez da fotografia o sustento de uma família, para a qual deixou um legado do qual tenho muito orgulho e que, por isso, quero rever, contar, buscar compreender e mostrar o seu valor, não só memorial, como também artístico. Consequentemente, claro, fazer dessa história o alimento poético e estético de minha produção artística. Mas, além das fotografias de meu avô, tenho aprendido a olhar para a arte a partir de experiências que o Curso de Artes Visuais tem me proporcionado.

Tenho uma predileção por referências artísticas coloridas, figurativas e que, ao meu ver, me remetem à infância. Minha primeira lembrança de artista pode ser Romero Britto, mas a fotografia me chamou para ir além dessa pintura que se mistura com uma proposta de cultura de massa. Nesse sentido, vou me ater a contar dos artistas que me inspiram neste percurso.

2.2.1 Artistas que me inspiram neste percurso

Segundo os dicionários da Língua Portuguesa, inspiração é algo ou alguém que incita, que estimula a capacidade de criação. Para mim, é a fonte que traz até o artista a ideia da sua produção, da sua identidade artística. Por mais que temos nossos sentimentos, nossas sensações, até nossas ideias próprias, acabamos por nos inspirarmos em algo ou alguém. Não

para imitarmos como um modelo a ser seguido, mas para criarmos a partir do que nos é apresentado, dialogando com aquilo que já pensamos.

Desse modo, também me vejo traçando meu percurso artístico inspirada em alguns nomes da arte nacional, cuja algumas obras já ousei fazer releituras, como Tarsila do Amaral, Maurício de Sousa e Romero Britto, já citado, e este em particular porque, nas suas criações, ao meu olhar, existe um diálogo com o universo infantil, seja por conta dos traços, das cores vibrantes, dos desenhos dos bichos, das plantas e, claro, das crianças.

Nesta pesquisa, em específico, trago um pouco de outras artistas que me foram apresentadas pela professora-orientadora, como Leda Catunda e Rosana Paulino. Ao conhecer as suas biografias, técnicas e obras, me deparei com algumas semelhanças com o tema que desenvolvo aqui. Leda Catunda por trabalhar, em algumas obras, com imagens brincantes⁶ que me remetem às diferentes possibilidades da infância, com traços indefinidos, por vezes, parecidos com desenho infantil. Já a Rosana Paulino, a relação é mais forte por ela trabalhar a sua história de vida, as suas memórias do passado, registradas muitas vezes, por fotografias.

Então, como o trabalho dessa artista me chamou muito a atenção, fui em busca de mais informações sobre o seu estilo e por que ela se destaca no cenário brasileiro e até em outros países, já que ela participou de muitos eventos na Espanha, na África do Sul, entre outros. Sua obra é de denúncia social e, principalmente, racial até porque suas origens vêm de uma família de negros, povo que através das suas produções, é retratado como sofredor, como vítima de uma escravidão de séculos passados, mas que até hoje, ainda existe. Por isso, nas suas pinturas, gravuras, instalações e fotografias é muito forte a imagem do negro, principalmente, a mulher negra. E o mais interessante de tudo é que ela usa da técnica da costura, já que sua mãe era costureira, para poder fazer intervenções nessas imagens, como costurar a boca ou os olhos das pessoas. E tudo isso tem relação com a sua própria história, com o seu passado, com a sua infância. Em muitos dos trabalhos de Rosana Paulino, ela usa a fotografia como base para outras linguagens artísticas, como a gravura, a pintura e serigrafia. Vemos, então, uma fotografia híbrida, que vai buscando diálogos com elementos que somam enquanto símbolos de vida e de arte. Fiquei impressionada com a produção chamada “Parede da memória” (1994-2015), em que ela usa os retratos da sua família, serigrafados em 1.500

⁶ Imagens brincantes foi o segundo pensamento que tive ao ver com um pouco mais de tempo os trabalhos dessa artista. Parece-me que na composição, que se faz mais abstrata, tem formas e cores que ali mesmo brincam, enquanto brincam no meu próprio pensar. Em um primeiro momento vi caricaturas, mas não eram.

almofadas pequenas, chamadas patuás⁷, com acabamentos em costura, compondo uma narrativa pessoal e poética, evidenciando um pouco de sua identidade artística.

Imagem 1: Parede de Memória (detalhe), Rosana Paulino.



Fonte: <http://laboratoriodaamanda.blogspot.com/2017/02/apresentando-rosana-paulino.html>

Ainda buscando mais inspiração para seguir adiante, por meio das minhas pesquisas, conheci outro artista com quem me identifiquei muito e que, por conta disso, me cativou efetivamente, falo de José Rufino. Na verdade, seu nome é José Augusto Costa de Almeida, paraibano que, ao passar muito tempo da sua infância junto do avô paterno, que era o patriarca da família e senhor de engenho, adotou o nome de José Rufino para retratar de forma bastante forte a identidade e a memória familiar que é um dos principais temas da sua produção. Agora, ficou fácil saber por que me identifiquei tanto com ele, não é?

Assim como Rosana Paulino, ele faz um trabalho que mostra o quanto a memória é importante e retratada por muitos artistas, e é assim que me vejo, mesmo ainda em construção do meu fazer artístico. Rufino cria instalações onde expõe objetos, materiais, documentos, cartas e outros tantos elementos pessoais que, juntamente com outras técnicas artísticas, compõem a memória familiar. Dentre essas produções, na série “Cartas de Areia” (1991), o artista reúne 5000 cartas, herdadas do avô e que contam histórias que não conhecia e as transformam, junto com os envelopes, em suportes de grandes conjuntos de desenhos e monotipias, que reforçam a memória. Isso fica confirmado pelas próprias palavras dele, no texto chamado “Desenhos ao Léthe” (2008, p.145):

⁷ Patuás, são pequenas peças usadas como amuletos de proteção por religiões de matriz africana.

As cartas de areia me permitiam uma verdadeira revisão da história familiar. A "arte da memória" [ars memoriae] não era apenas uma ferramenta para resgatar lembranças de brincadeiras infantis, recuperar personagens burlescos ou documentar fatos e feitos daquele reino de fantasias extravagantes. Instalava-se ali a possibilidade irreversível de subverter o próprio passado e de expurgar o indesejado através de uma nostalgia transformante...

Imagem 2: Série Cartas de areia, José Rufino / Desenhos e monotipias, 1991



Fonte: <http://www.joserufino.com/site/obras/>

Confesso que, quando li esse texto e vi as imagens da instalação, senti algo, meus olhos lacrimejaram, meu coração bateu forte e meus pensamentos voaram longe, pois entendi, no momento, que era a maior relação que tinha comigo e com o que quero mostrar: uma história, uma infância junto do meu avô...as memórias que trazem e que podem provocar memórias outras.

E é dessa forma que, como artista em construção, e conhecendo um pouco as vivências de outros artistas, percebo que, ao expor as memórias ao público, vem à tona, a infância - daquela menina apresentada no início desta escrita -, meu passado se comunicando com outros olhares, por meio das minhas histórias, registradas por fotografias, enquanto vão evocando outras memórias. Nesse sentido, remeto-me à Canton, quando diz que:

Nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade...[...] É também o território de recriação e de reordenamento da existência - um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário. (2009, p. 21 e 22)

Para que serve a arte? Como fazer da minha história um projeto artístico com as minhas marcas, com o meu jeito? Esse jeito descrito até agora, de menina romântica, de uma criança que, hoje, com seus 28 anos e com algumas limitações, quer se mostrar como artista.

Nas minhas pesquisas, li uma frase muito interessante do crítico brasileiro, Mário Pedrosa (1960), que diz: “arte é o exercício experimental da liberdade”. Depois de refletir sobre ela, entendi que é a resposta para a pergunta inicial do parágrafo anterior. A arte é o meio que se tem de ser livre, de se expressar qualquer pensamento, prestando atenção nos sinais e nos significados dos tempos. Canton faz a mesma pergunta e ela mesma responde: “E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo”. (2009, p. 12)

Então, inspirada nos artistas citados, em especial, em José Rufino, provocada e instigada pela arte que vai tomando “forma” em meus pensamentos, com meus sentidos mais apurados, desprendida dos padrões, vou criando minhas possibilidades de, por meio dela, chamar a atenção e despertar olhares curiosos ao que quero mostrar artisticamente.

Então, agora, abro minha caixa de fotos, abro a caixa de fotos de meu avô. Quanta coisa vejo!!!

3 HISTÓRIA CONTADA POR FOTOGRAFIAS: A MINHA HISTÓRIA

Acredito que cheguei no capítulo mais esperado deste trabalho, por ser aqui que poderei contar a minha história e de um jeito que é só meu. Bem, mas antes disso, é preciso destacar uma das funções da fotografia, principalmente a de família, que é o de resgatar as memórias e, através das imagens, narrar os momentos passados, que mergulhados nas emoções, vamos recordar. Isso se confirma no significado de memória que encontrei no dicionário de filosofia: “memória é a capacidade de dispor de acontecimentos passados e esta disposição surge em dois momentos, o primeiro momento é a da persistência dos acontecimentos que não estão mais a vista, e o segundo momento é a evocação de tais lembranças, ou seja, a recordação” (ABBAGNANO, 1999).

Assim, uma boa forma de evocar as lembranças e recordar os acontecimentos que marcaram o passado é abrindo e folheando os álbuns, assim como as caixas de fotografias. Segundo Quintas (2008, p.1),

[...] a imagem fotográfica reconstitui narrativas emocionais, contempla a atmosfera de tempos passados e nos envolve em sua complacência de guardar o efêmero da vida para futuros enternecidos observadores." Ela ainda diz que [...] alguns dos papéis mais importantes da fotografia se refletem no papel cultural e na preservação da memória.

Uma história registrada, a cada momento, em fotografias feitas pelo seu avô...o meu avô, aquele que quero homenagear e, em nome dele, homenagear tantos outros fotógrafos que registraram histórias familiares diversas; além de mostrar que, mesmo sem conhecer a história da arte e como ela se relaciona com a fotografia, o vô, muitas vezes se fazia um artista.

Então, no capítulo que segue, narro a minha história, a nossa história, a história da Família Vieira, a história do meu avô e da sua profissão. As fotografias que escolhi, juntamente com meu avô e com minha mãe, ajudam a compor essas narrativas, para que nenhum saudosismo se perca. Prontos? Vamos lá!!!

3.1 UMA INFÂNCIA EM FOTOS

Isso mesmo, uma infância em fotos. Esta história que vou narrar a partir de agora, tem seu início na infância, quando bebezinha mesmo, mas que, diante do meu olhar se estende até hoje e vai me acompanhar para todo sempre. A criança artista ou a artista criança?

Antes de mais nada, acredito ser necessário apresentar alguns conceitos de infância, pois sei que, para alguns, seja um tanto estranho uma garota com 28 anos, sentir-se tão criança, tão abraçada à infância vivida bons anos atrás. Será que ainda sou criança? Será que ainda estou vivendo a minha infância? Talvez!

Comecei pesquisando nos dicionários e encontrei o seguinte significado: “infância é a fase da vida humana que vai desde o nascimento até os 12 anos de idade”. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-1990), criado há 30 anos pelo Governo Federal e divulgado no seu próprio site oficial, no seu artigo segundo diz que: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Mas, infância é mesmo ser criança? É estar realmente numa fase da vida relativa à idade, à cronologia? Quando ela acaba? Será que deixamos de ser crianças?

Nos estudos da antropologia, que tenta entender o contexto social e cultural em que a sociedade se desenvolve, há uma discussão bastante curiosa sobre essas questões. Podemos observar o que diz Cohn (2005, p.21):

[...] infância é um modo particular, e não universal, de pensar a criança. O estudo histórico de Philippe Aries sobre *A criança e a vida familiar no Antigo Regime* mostra que a ideia de infância é uma construção social e histórica do Ocidente. Ela não existe desde sempre, e o que hoje entendemos por infância foi sendo elaborado ao longo do tempo na Europa, simultaneamente com mudanças na composição familiar, nas noções de maternidade e paternidade, e no cotidiano e na vida das crianças, inclusive por sua institucionalização pela educação escolar.

E, por último, trago a definição que mais me impressionou, do escritor e biólogo, Mia Couto (2016), afirmando que “a infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar [...]”.

E é com ele que sigo este meu percurso, o do imaginário, o do surpreendente, o do encantamento. É assim que me sinto: encantada! Vivendo uma eterna infância, através do registro dela no exercício de materializá-la artisticamente. É o que começo agora a apresentar, lamentando o fato de ter de expor apenas algumas dentre as centenas, batidas pelo meu avô, que estão nos álbuns de família.

Minha história começa com meu nascimento em Laguna, em 1992, época em que meu avô, depois de muito tempo trabalhando com o Foto Vieira, em Criciúma, resolveu montar uma nova loja de fotografias naquela cidade. E foi lá que os primeiros clicks e flashes da minha vida começaram a acontecer, sem eu entender nada, claro!

Imagem 3: Eu, recém-nascida, no colo da mãe, Laguna, 1992



Fonte: acervo da artista

Imagem 4: Com 1 mês, Laguna, 1992



Fonte: acervo da artista

E, partir de então, tudo que me envolvia, ele fotografava... em casa, no estúdio, sem chapéu, com chapéu. Eram flashes para todos os lados.

Imagem 5: Aos meus 8 meses, Laguna, 1993



Fonte: acervo da artista

Imagem 6: Com 6 meses, no estúdio do meu avô, Laguna, 1993



Fonte: acervo da artista

Os estúdios eram preparados com panos coloridos, muitas vezes tingidos, com cadeirinhas sempre compondo o cenário. Não havia muitas modificações, a não ser pela cor do tecido ou pelo tamanho e formato das cadeiras. Em alguns momentos, apareciam outros objetos e móveis.

Imagem 7: 1 ano, no estúdio do meu avô, Laguna, 1993



Fonte: acervo da artista

Tive as minhas festas de aniversário sempre registradas pelas lentes de meu avô, a partir dos meus dois anos de idade. E foi desse dia em diante que comecei a perceber que era divertido estar na frente da câmera dele.

Imagem 8: Festa de aniversário de 2 anos, Laguna, 1994



Fonte: acervo da artista

Imagem 9: Meus pais, avós, tios e amigos na festa de 2 anos, 1994



Fonte: acervo da artista

Nesta imagem (imagem 9), todos ao meu redor, familiares e amigos, e eu até um pouco acanhada com aquela cantoria, afinal era a primeira vez que eu ouvia tanta gente junta cantando parabéns para mim. E assim aconteceu em todas as festas de aniversário...

Imagem 10: Festa de 4 aninhos, Criciúma, 1996



Fonte: acervo da artista

Quantos olhares nesta imagem (imagem 10)! Uma luz que incide sobre uma garotinha que emana felicidade. Eu e você estamos olhando para ela. O fotógrafo a registra. Alguém filmando, o primo, a menininha que se movimenta para o olhar de quem a fotografa frontalmente, o avô. Há uma mulher, a tia, que a observa e que, além de a observar, também a cuida.

Imagem 11: Aniversário de 5 anos, Criciúma, 1997



Fonte: acervo da artista

Imagem 12: Festa de 6 anos, Criciúma, 1998



Fonte: acervo da artista

Conforme o tempo foi passando, comecei a perceber que aonde o meu avô ia, ele me levava junto e batia fotos de todos os jeitos. Assim também como em tudo que eu participava ou fazia, lá estava o vô Vieira: praia, passeios, carnaval, festinhas de escola, primeiro dia de aula, e tudo o que se pode imaginar.

Imagem 13: Praia do Mar Grosso, Laguna, 1994



Fonte: acervo da artista

Imagem 14: Carnaval, Criciúma, 1998



Fonte: acervo da artista

A cada ano era uma fantasia diferente. Esta da foto acima (imagem 14), em especial, foi uma das que mais gostei, pois amarelo é uma das minhas cores favoritas e me senti a

verdadeira havaiana com todas estas flores me envolvendo. O sorriso mostra já um certo esforço de parecer disposta ainda a continuar com a sessão de fotos carnavalescas. Às vezes, o vô me dava um cansaço! Se estava feliz ou não, eu não lembro. Acredito que sim. Pois meu olhar parece mostra a sensação que o sorriso cansado, talvez, não conseguiu.

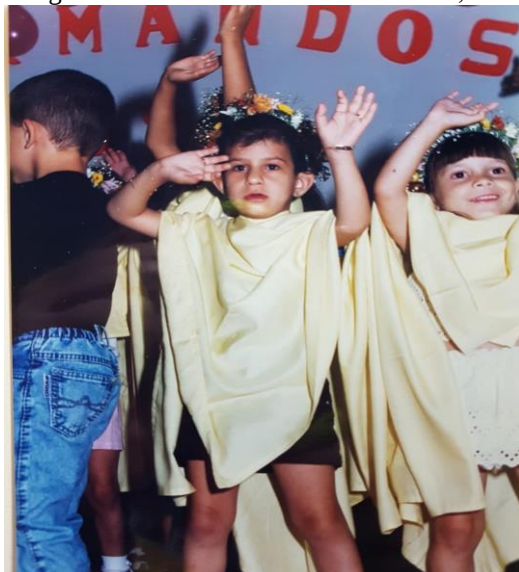
Imagem 15: Festa Junina da creche, Criciúma, 1997



Fonte: acervo da artista

Esta fotografia (imagem 15) me traz uma lembrança muito legal, pois representa muitos momentos bons que vivi na creche, no Bairro São Luís, em Criciúma, onde comecei os meus primeiros rabiscos. Neste dia, em especial, fui eleita a princesa da festa. A felicidade tomou conta de mim por ter ganhado este lindo urso.

Imagem 16: Festa de fim de ano na creche, 1997



Fonte: acervo da artista

E o primeiro dia de aula, na Casa da Criança? Foi o evento do ano para minha família e eu. Meu avô chegou a me levar no estúdio do Foto para fazer um book, de tanta empolgação.

Imagem 17: Primeiro dia de aula, no estúdio, Criciúma, 1999



Fonte: acervo da artista

As fotos de estúdio, cada vez mais me chamam a atenção, elas vão me cativando. Percebo o quanto estes cenários se modificaram nas fotos de hoje.

Imagem 18: Homenagem Dia das Mães, 1999



Fonte: acervo da artista

Imagem 19: Plantando árvore, Criciúma, 2000



Fonte: acervo da artista

Imagem 20: Festa junina, estúdio do vô, Criciúma, 2000



Fonte: acervo da artista

O estúdio me fascinava (imagem 21), aquelas sombrinhas com refletores, os tapetes, os panos de fundo, aqueles objetos que ele montava de cenário para bater as fotos das crianças e, principalmente, as minhas. Muita cor, muita pose, muito ângulo, ele não deixava passar

nada. Foram batidas fotos de todos os jeitos, roupas e gostos neste estúdio. Lembro como se fosse hoje. Como eu gostava!!!

Imagem 21: Estúdio fotográfico do vô



Fonte: arquivo Foto Vieira

Esta imagem (imagem 21), em particular, foi me envolvendo. Não há um fotografado, há quem fotografa. Encontro objetos que me contam de um tempo em que este estúdio se fazia vivo, pulsante, o local em que, muitas vezes, eu era fotografada. Hoje vou percorrendo as fotos e me vendo crescer envolta de registros fotográficos que me fazem pensar em arte.

Imagem 22: Estúdio do vô, Criciúma, 1996



Fonte: acervo da artista

Imagem 23: Estúdio do vô, Criciúma, 1995



Fonte: acervo da artista

Imagem 24: Carnaval, estúdio do vô, 2000



Fonte: acervo da artista

Imagem 25: Estúdio do vô, Criciúma, 2001



Fonte: acervo da artista

Fui fotografada de todas as formas, com figurinos diversos, inclusive com os dos bichinhos da Parmalat, em uma época em que lançaram a campanha publicitária⁸ e que virou febre em vários lugares. O estúdio do meu avô vivia cheio de crianças para fazer essas fotos também.

⁸ Para quem não lembra> Parmalat - Comercial Mamíferos 1996, acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=186tpJrR5tM>

Imagem 26: Bichinhos da Parmalat estúdio do vó, Criciúma, 1997



Fonte: acervo da artista

A minha história contada por fotografias não termina aqui não – é só uma pausa – porque teria mais umas centenas delas para continuar narrando tudo o que vivi na minha infância – só que não tenho esse espaço, não é mesmo? - e o quanto isso tudo é importante enquanto registro de um percurso que vivi.

As coisas mudam muito rápido, fotografar passou a ser algo muito mais corriqueiro para as pessoas, o número de fotos certamente aumentou muito com a era digital, até mesmo pela facilidade que temos com relação aos aparelhos de celular, por exemplo. Os custos também são outros. Mas, onde ficam essas fotos? Será que teremos, em um futuro próximo, caixas de fotos como as caixas de meu avô?

Gosto de dizer que ele me inspirou, desde o início, e que, mesmo sem saber, é o meu artista! E é a história dele que começo a apresentar a seguir.

Imagem 27: Meu avô e eu, Criciúma, 1994



Fonte: acervo da artista

Imagem 28: Eu e ele, Criciúma, 2017



Fonte: acervo da artista

Nestas duas imagens (27 e 28), o fotógrafo é fotografado, ele agora está diante das lentes, literalmente junto comigo, ao meu lado. Elas revelam a forte relação que fomos

construindo, ao longo do tempo, como avô e neta. Na primeira, o sorriso dela ao receber o beijo carinhoso do avô; na segunda, os papéis se invertem, ele é quem recebe o beijo carinhoso da neta. A imagem diz tudo...a imagem revela tudo...o tempo passou e a imagem marcada pelo tempo ainda existe. E elas estão aqui, na caixa de fotografias...

Imagem 29: Nós dois na praia, Laguna, 1998



Fonte: acervo da artista

Para encerrar a história da minha infância contada por fotos, esta acima (imagem 29) foi a escolhida, não por mim diretamente, mas por ele, indiretamente: *“Filha, sabe qual é uma das fotos que o vô mais gosta, mais acha linda? Aquela que a gente tá correndo, em pleno inverno, na praia, bem natural”*.

Não poderia deixá-la de fora!

3.2 FAMÍLIA VIEIRA E A PROFISSÃO FOTÓGRAFO “HISTÓRIA CONTADA DO JEITO DELE”

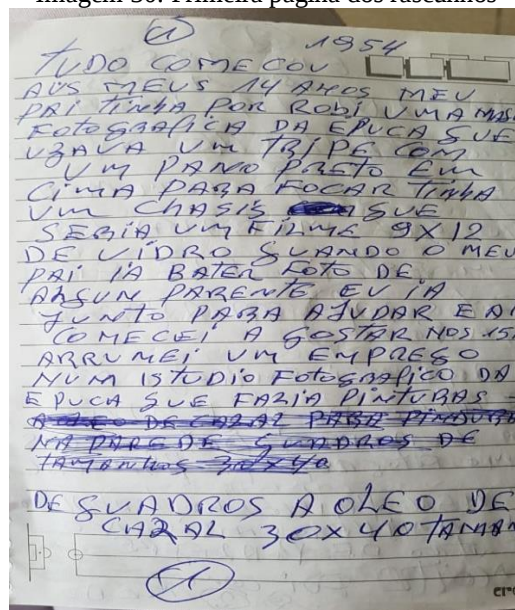
A princípio, a intenção era eu contar a história do meu avô, do meu jeito, assim como contei a história da fotografia e a da minha infância, mas, comecei a lembrar da carinha dele e dos seus olhos brilhando, cheios de orgulho, em todas as vezes que ele contou a sua história para mim, para meu irmão e para todos os netos. A paixão dele pela fotografia e por tudo o que a profissão lhe proporcionou é tão forte que mudei de ideia e pedi que ele mesmo a

escrevesse, do jeito dele. Como assim? Um trecho da sua autobiografia. Um relato pessoal. As suas palavras contando a sua história. É isso!

Pensei, num primeiro momento, em publicá-la aqui, do jeito que ele escreveu; porém, ao pensar na beleza da história que ele está contando, carregada de detalhes que nos levam, junto com ele ao passado; e na possibilidade da leitura e compreensão serem comprometidas por uma possível ilegibilidade e, também, por algumas frases com elaboração um pouco desarticulada, resolvi fazer a transcrição, com alguns trechos reescritos. Isso com ajuda da minha mãe, pois confesso que também tive alguns problemas em identificar algumas palavras e compreender a leitura. Afinal, como disse ele ao entregar os textos: *“Vocês não vão entender o meu garrancho”*.

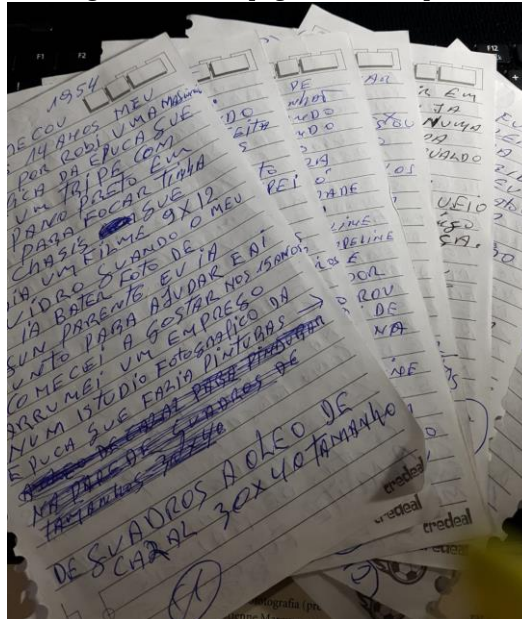
Mas, claro, que não poderia deixar de dar o gostinho de, pelo menos, a imagem da primeira página, dentre as 14 rabiscadas, mostrar aqui; além de que, pensando na minha produção artística e no que, por meio dela, pretendo retratar, ainda em fase de experimentação, já que essas páginas me cativaram.

Imagem 30: Primeira página dos rascunhos



Fonte: acervo da artista

Imagem 31: As 14 páginas escritas por ele



Fonte: acervo da artista

Então, aos seus quase 81 anos, foi escrevendo. Inspirado pelo desejo de se fazer ouvir, foi relatando passo a passo de um tempo que caminhou com a própria história da fotografia. Registrou uma narrativa que vai da analógica ao digital. Vamos ao texto transcrito?

“Tudo começou aos meus 14 anos, no ano de 1954. Meu pai, José Joaquim Vieira, morador de Criciúma, tinha por hobby carregar uma máquina fotográfica daquela que se usava em tripé, com um pano preto por cima para focar e um chassi de vidro, que seria para um filme 9x12. Quando ele saía para bater fotos de algum parente, eu ia junto para ajudar e aí comecei a gostar. Com 15 anos, arrumei meu primeiro emprego num estúdio fotográfico que, na época, fazia retratos de casal, fazendo pintura a óleo em quadros 30x40. Cada vez eu ficava mais interessado, até que, dois anos depois, com 17 anos, resolvi ir para Porto Alegre, aprender mais sobre a profissão com meu tio que, também, era fotógrafo amador. E fui aprendendo na prática algumas técnicas, até que consegui meu primeiro emprego, com um fotógrafo profissional e foi lá que saí para fazer meu primeiro trabalho, era um aniversário no centro da cidade. Fui com medo, afinal, eu era apenas um garoto de 17 anos. E a partir disso, passei a estudar cada vez mais sobre o assunto e sobre os processos que existiam. Em 1958, um fato marcou minha vida e me fez ver de vez, que ser fotógrafo era o que eu queria para sempre: o Brasil foi campeão da Copa do Mundo e o time fez carreatas pelas principais capitais do Brasil e, por minha sorte, uma delas foi Porto Alegre. Me lembro como se fosse

hoje, eu no carro aberto, ao lado dos jogadores, fazendo a reportagem juntamente com outros fotógrafos. Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Nesse mesmo ano, resolvi voltar para Criciúma e, com ajuda do meu pai, montei um laboratório no porão da nossa casa, no Bairro Operária, onde comecei a revelar as primeiras fotos em preto e branco. E foi dando certo. Já, com 19 anos, meu pai e eu fomos a Porto Alegre para comprarmos a minha primeira máquina fotográfica, era uma Yashica D2, 6x6. E, daí em diante, comecei a bater fotos de vários eventos na cidade, como festas de igrejas, primeira comunhão e aniversários, e eu mesmo revelava no laboratório do porão de casa. Fui melhorando e ficando cada vez mais conhecido na cidade. Naquela época, existia apenas um foto em Criciúma, era do Seu João Zappellini, então pensei em abrir uma loja para mim também, mas ainda não tinha dinheiro suficiente pra isso. Continuei batendo fotos por todos os lugares e o tempo passando. Em 1960, fiz um curso para aprender a revelar slide para monóculo, o que me ajudou rapidinho a fazer mais sucesso porque aqui em Criciúma, era só eu que fazia. Nessa altura, tive que comprar uma máquina Olympus de meio quadro para fazer esse trabalho. E assim fui batendo fotos, também, de debutantes, de crianças na escola e de tudo que acontecesse na cidade e na região. Depois de montar foto em Içara, Porto Alegre, fazer trabalhos nas praias. Em 1970, junto com meu irmão Gurini Vieira, montamos o Foto Vieira, na Rua Padre Pedro Baldoncini, centro de Criciúma, e aí o sucesso se consolidou. Tínhamos uma equipe grande de trabalho, meus outros dois irmãos mais novos, o Edegar e o Edinho, foram trabalhar comigo e os ensinei a profissão. Além deles, outros tantos funcionários também iniciaram suas carreiras a partir do que aprenderam trabalhando comigo e depois seguiram seus caminhos. Em 1975, fui a São Paulo fazer cursos sobre as fotos e revelações a cores, voltei e coloquei o primeiro laboratório de revelação colorida na cidade. E a fama do Foto Vieira só aumentou. Também tive foto em Laguna e Imbituba. Nos anos 2000, com a chegada da tecnologia, veio a máquina digital, o que acabou diminuindo o trabalho de revelação de fotos e, claro, o serviço passou a diminuir também. Com os celulares, cada vez mais modernos, o fotógrafo acabou não sendo mais tão necessário para cobrir pequenas festas. Então, fechei o Foto Vieira e passei meus últimos anos, antes da aposentadoria, batendo fotos de eventos maiores, como casamentos e festas de 15 anos. Em 2004, enfim, me aposentei. Hoje, tenho sobrinhos que continuam trabalhando na área de fotografias de estúdio, fotografias para decoração e filmagens. Meus filhos seguiram outros caminhos, mas nunca deixaram de bater belas fotos como eu ensinei. Hoje, tenho muito orgulho de contar a minha história para meus netos e dizer que tive a melhor profissão que alguém poderia ter, pois ela me proporcionou estar em vários lugares, com várias

peçoas e registrar momentos inesquecíveis delas, momentos que somente a fotografia é capaz de registrar e guardar para sempre. Estou com 81 anos, hoje, e posso afirmar, mesmo sem ter estudado sobre arte, mas conversando com a minha neta Bruna, que a fotografia sempre foi uma arte, e eu sempre fui artista. E, agora, termino esse resumo da minha história, agradecendo a minha neta Bruna pela homenagem que ela está me fazendo neste trabalho e dizendo o quanto me orgulho de ver aquela menininha que andava comigo pra cima e pra baixo, chamando “vô” pra cá, “vô pra lá, terminando um curso superior, mesmo tendo as suas limitações. Ela é o nosso maior tesouro!!!”

Imagem 32: Vô Vieira, aos 80 anos, 2019



Fonte: acervo Fanor Vieira

Imagem 33: Ele, com todos os netos, festa 80 anos



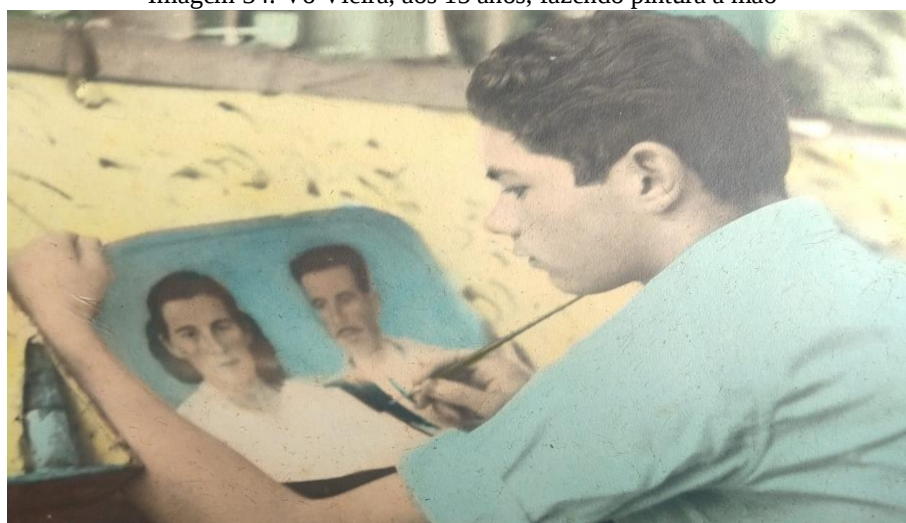
Fonte: acervo do vô Fanor Vieira

Lida a história do vô, apresento para ele como devolutiva para que aprove, afinal, esta história é dele. É interessante observar as imagens, a seguir, que selecionamos (eu e ele), na tentativa de reforçar a ideia de que uma série de fotografias é capaz de representar momentos sucessivos e significativos da vida de uma pessoa e que, assim, estarão para sempre na memória da família, já que ficaram no passado e o passado não pode voltar. É o que, em outras palavras, afirma Barthes (1985, p. 13) “o que a fotografia reproduz ao

infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.”

A imagem 34 vai revelando uma história, não apenas da família Vieira, mas da própria fotografia. Você já viu uma foto pintada à mão? Isso era um luxo. Nesta imagem, meu avô, com apenas 15 anos, aplicava a técnica que aprendeu enquanto um menino curioso que foi se fazendo fotógrafo na prática.

Imagem 34: Vô Vieira, aos 15 anos, fazendo pintura à mão



Fonte: acervo Fanor Vieira

Imagem 35: Vô Fanor, com 21 anos, em Porto Alegre, 1960



Fonte: acervo Fanor Vieira

Imagem 36: Ele com 75 anos, 2014



Fonte: acervo Fanor Vieira

A fotografia em preto e branco foi ganhando um colorido, primeiro de forma artesanal e depois com os filmes coloridos. Uma história que mereceria um tempo maior para contá-la, pois além de outros detalhes, envolve um processo químico, digno de uma descrição. Mas, meu avô conta que foi só, na década de 60, que os filmes coloridos se popularizaram, até aquele momento, eram fotos em preto e branco mesmo, ou pintadas à mão, como na imagem 34.

As fotos coloridas vieram para ficar, certamente. Porém, a beleza saudosista das fotografias em preto e branco não podem passar despercebidas. As imagens abaixo (37, 38 e 39) são um exemplo disso. Elas revelam, ao meu olhar, um mergulho muito profundo nas memórias, nas lembranças do passado. Mesmo estando ausente nos momentos que elas retratam, me sinto tocada, me sinto envolvida, como se estivesse presente, próxima, pertencente.

Imagem 37: Bodas de prata dos meus bisavós meu vô e irmãos, 1963



Fonte: acervo Fanor Vieira

Imagem 38: Minha mãe posando para meu tio, no estúdio do vô, 1973



Fonte: acervo Fanor Vieira

Imagem 39: Vô Fanor, reportagem fotográfica de futebol, 1965, Porto Alegre



Fonte: acervo Fanor Vieira

Imagem 40: Fachada do Foto Vieira, 2000



Fonte: acervo Fanor Vieira

Imagem 41: Vô Vieira fazendo as revelações de filmes, 1999



Fonte: acervo Fanor Vieira

Aqui nesta foto (imagem 41), vejo o profissional na sua essência. Ele fotografa e ele revela. Ele escolhe, nos negativos, as melhores imagens a serem passadas para o papel, processo que hoje, por conta da era digital, não é mais usado. Aliás, quantos jovens hoje já viram ou tiveram contato com negativos? Será que sabem o que é? Penso que não. Eu sei, meu irmão também, meus primos também...faz parte da nossa herança familiar.

Na minha caixa, entre as fotografias, há centenas de tiras de negativos a serem personagens da minha produção artística.

Imagem 42: Vô recebendo o prêmio “ Destaque do ano”, 2002



Fonte: acervo Fanor Vieira

O meu envolvimento com esta história só aumenta assim como meu orgulho de fazer parte disso tudo. Acabei por descobrir coisas que não sabia. Fui me descobrindo também. Compreendendo mais e melhor esse meu interesse por narrativas trazidas de diferentes formas, como as escritas, faladas, fotografadas, filmadas, e, até mesmo, mescladas. Continuo contando-a e recontando-a enquanto vou pensando na sua materialização de forma poética e estética.

4 FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: NASCE UMA ARTISTA

Falar em memória, é falar em tempo, não é? Mas, o que é o tempo? Como nos situamos nele? O tempo é presente? É passado? É futuro? O tempo do relógio, o tempo do homem atual que não quer perder tempo e, muitas vezes, não voltar no tempo. Ainda com muitas incertezas, com muito receio do que está por vir, vou desenvolvendo um pensamento artístico. Algo que começa pelo colorido de Romero Brito, passa pelas obras de Rosana Paulino e mergulha no universo saudosista de José Rufino, enquanto revisita uma história de família na busca de melhor responder ao que move esta pesquisa, ou seja: **De que forma materializar artisticamente as memórias trazidas pelas fotografias de um avô fotógrafo, que contam de uma menina que vai construindo a sua identidade artística?**

Vou me alimentando de memórias.

A memória é importante para que as pessoas consigam voltar ao passado e até reconstruí-lo. Bosi (2001, p.9) destaca que “[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”. Dessa forma, a memória é um recurso que reconta a história da evolução do indivíduo, priorizando os acontecimentos do passado, como forma de guardar as informações e que, a qualquer momento, pode ser acessada, conforme afirmou o historiador francês Jacques Le Goff (2003, p. 419):

Memória é o fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também a vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência de escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/ presente), produz diversos tipos de documentos/ momentos; que escreve a história e acumula objetos.

Pode-se, então, dizer que a memória é um recuso tanto individual quanto coletivo, para “voltar” no tempo. E isso é o que ajuda na compreensão da identidade e da história de cada pessoa. E assim, ela atua como uma espécie de patrimônio que é construído para que, no futuro, outras pessoas, de outras gerações, possam se conectar. E assim como qualquer patrimônio, a memória precisa de documentos que possam servir de registros para confirmação dos fatos acontecidos e vividos.

Dessa forma, a fotografia é um meio de registro convincente, não é à toa que ela é utilizada para registros jornalísticos, por exemplo; pois ela permite que a imagem fixada dure por longo tempo, como se tivesse o poder de eternizar os acontecimentos, as cenas vividas. E a distância entre o presente e o passado, assim, diminui e aproxima mais os envolvidos. Por

isso, ela vem sendo usada como forma de resgate da memória, tanto como indivíduo, ou como parte de grupos sociais. Boris Kossoy aponta que:

[...] apesar de ser a fotografia a própria “memória cristalizada”, sua objetividade reside apenas nas aparências. Ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram. (KOSSOY, 2001, p. 152).

Para o autor, a fotografia representa o mundo e tudo o que está a sua volta, porém ela pode se tornar sem importância se o observador não tiver conhecimento do seu contexto de criação, sua origem. Segundo Guarnieri (2011, p. 74)

É importante salientar que a imagem registrada pela foto tem importância para quem faz parte dela, no momento da foto. Isso não quer dizer que os sentidos presentes nela não sejam relevantes para outras pessoas. A fotografia funciona nas nossas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada. Lembranças de um momento carregado de conteúdos simbólicos significativos. Toda a fotografia está relacionada ao passado, mesmo as que tiramos semana passada, pois esse momento vivido não voltará, ficará apenas registrado na memória ou em forma impressa para a posteridade.

Com base nessas reflexões, a fotografia passa a representar, dentro da história da Família Vieira, em especial dentro da história do meu avô, além da sua base de subsistência, por ter permitido o sustento e a criação de todos nós, o registro da construção da identidade familiar. E, assim, torna-se o instrumento ou alimento desta produção artística, a qual, a princípio, chamo de (Re)encontros com a Infância”, por apresentar registros que, realmente, me provocaram encontros de que não lembrava mais. Foram tantos que, acabei por pensar numa “Chuva de memórias” como título da produção final, o qual me cativou.

4.1 IDENTIDADE E ARTE: (RE)ENCONTROS COM A INFÂNCIA

Entendi que, como a arte é libertadora, eu poderia voar do meu jeito, deste jeito, daquele jeito da menininha pequena que parece habitar em mim para sempre. Mas, que precisa encontrar o caminho artístico, a identidade artística, o meio que vai fazer com que a arte seja produzida, respeitando as minhas características, pensamentos, ideias e traços. A proposta desta pesquisa é o começo dessa busca. E as minhas memórias voltadas àquele universo infantil de que sempre gostei foram e são o ingrediente para me encontrar artisticamente.

É em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo. Esse, portanto, é o ponto que liga a identidade à memória e torna possível a afirmação de Candau de que “a memória é a identidade em ação”. (SOUZA, p. 98 2014).

Dialogando com a autora, acredito que foi e é esse retorno ao passado, através das minhas memórias que, ao narrar um pouco da história do meu avô e a história da minha infância, consegui me ver em um processo de identidade artística, já que as experiências vividas estão me conduzindo a uma poética que já está sendo o início da trajetória de uma artista que está nascendo, neste momento, ao reencontrar-se com a infância. Segundo Haal (2006, p.38-9),

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

É assim que vejo a construção da minha identidade artística, como uma coisa não acabada, ela vai continuar se construindo a cada vivência e relação que eu tiver com o outro e com o que estiver a minha volta. Meus desenhos de infância, por exemplo, não mudaram muito, mas hoje os reconheço como meus desenhos. É assim que vejo e que gostaria que as pessoas vissem. Que me vissem como sou.

[...] Nos desenhos infantis, algo desperta muito mais curiosidade do que a simples beleza externa. O indivíduo que se revela, a seu modo, em seus trabalhos, não somente pode ser mais fascinante para nós, como também sua capacidade em proceder assim será de importância vital para seu crescimento e desenvolvimento. (LOWENFELD; BRITAIN; 1977 p. 35)

Dessa forma, vou buscando uma linguagem híbrida, apropriando-me do que se torna significativo neste percurso. Gosto do desenho colorido, das fotografias que provocam minha memória e imaginação. Gosto da escrita, da narrativa, da contação de histórias, do cenário, do figurino, dos objetos que contam histórias. Falo de um gostar que vai se justificando com a ideia de pertencimento, reconhecimento e identificação com questões que contam de mim e de quem sou. Falam da vida e da arte e me provocam a falar com o mundo.

4.2. CHUVA DE MEMÓRIAS

De que forma materializar artisticamente as memórias trazidas pelas fotografias de um avô fotógrafo, que contam de uma menina que vai construindo a sua identidade artística? Esse é o problema que apresentei no início deste percurso e que, a partir do diálogo e reflexão sobre as relações entre fotografia, arte e memória, além das relações com a minha infância. Um problema de pesquisa que foi fomentando um caminho na busca de uma resposta, a qual, resulta em um processo poético que "[...] é palco de uma relação densa entre o artista e os meios por ele selecionados, que envolve resistência, flexibilidade e domínio." (SALLES, 2011, p. 77).

Quando pensado o processo, no começo, as ideias e os caminhos eram outros. Mas, o contexto da pandemia da Covid-19, acabou por fazer com que eu tivesse de repensar, já que as saídas a campo e contatos com outras pessoas e, principalmente, com meu avô, foram suspensos. A partir de então, tive de buscar novas ideias, o que não foi fácil. Depois de muito pensar e pesquisar num meio em que pudesse refletir sobre um percurso poético diante do tema e problemas propostos, concluí que a instalação seria interessante, já que as imagens da caixa de fotografias de meu avô, em específico, a imagem 21, me levaram para momentos de uma infância repleta de registros significativos. Para Costa (2004, pp. 63, 64):

Os ambientes e as instalações são espaços em que o artista usa a arquitetura sem se confundir com ela. São formas híbridas e, portanto, abrangem diferentes gêneros artísticos entrecruzados. [...] Tratam tanto da arte e seus limites como da relação, ou mesmo fusão, entre vida e arte. A questão tempo, ou melhor, a noção de um espaço que exige um tempo, também constitui material de arte.

O hibridismo que a instalação possibilita, conforme citado pela autora, facilita a abordagem que proponho fazer a partir da fotografia, linguagem que desencadeia esta proposta, já que parto da história do meu avô, como fotógrafo. Um hibridismo que, além da fotografia, contempla também meus desenhos com lápis de cor e giz de cera, além do próprio espaço de um lugar que abraça objetos de memória e o consolida como arte.

Assim, a fotografia se apresenta, nesta pesquisa, como um instrumento capaz de estimular o exercício de direta ou indiretamente, trazer referências do passado de volta, possibilitando uma aproximação com o presente por meio das memórias resgatadas. Para Barthes (1985, p. 13) “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”.

Dessa forma, começo a desenhar a minha construção que se dará com a instalação, na qual o ambiente a ser apresentado situa-se no universo fotográfico, onde reconstituo parte do estúdio fotográfico do meu avô, cenário em que me vi inserida por muito tempo da minha infância. Claro que, por conta de já se terem passado mais de vinte anos, e os objetos utilizados já terem sido substituídos por outros, alguma adaptação se faz necessária. Além disso, o espaço onde a produção deverá ser exposta, Sala Edi Balod⁹, é pequeno e delimitado para que os outros acadêmicos também possam se organizar na apresentação de seus trabalhos de conclusão de curso, o que já me fez pensar na fragmentação do cenário original (imagem 21), como mostro na imagem a seguir:

Imagem 43: Estúdio a ser reconstituído



Fonte: acervo da artista

Para que a fidelidade ao estúdio original não se perca, e para que o apreciador tenha acesso visual a ele, a fotografia original (imagem 21) estará exposta no ambiente.

A partir disso, meu primeiro passo é selecionar os objetos principais que caracterizam o estúdio, como uma câmera fotográfica Yashica D, muito usada pelo meu avô; a cadeira, onde muitas vezes estive para ser fotografada por ele; o pano de fundo colorido, que também cobre o chão; e um refletor com tripé e sombrinha, característicos da época; conforme aparece na imagem acima.

⁹ Sala Edi Balod: Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, vincula-se aos Cursos de Graduação em Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc – Criciúma/SC . Conheça a sala, acesse: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/687/10984>

Enquanto faço as buscas desses objetos no acervo da família, vou pensando na minha intervenção, que penso em relacionar a história do meu avô as minhas memórias. Como fazer? Lembram dos rascunhos da história do meu avô, feitos por ele mesmo? Aqueles que precisei transcrever, no capítulo 3, mas que publiquei as imagens, (imagens 30 e 31), no mesmo capítulo? Então, impressos numa folha de papel A4 e, em preto e branco - para contribuir com o tom de memórias do passado, aqui fazendo referência à fotografia preto e branco -, as quatorze páginas recebem meus desenhos com lápis de cor aquarelado e giz de cera, ora abstratos, ora mais figurativos, que vão costurando os dizeres do meu avô aos traços que me caracterizam, o que remete ao que chamo de meu abraço à infância, como é citado no título deste trabalho.

Imagem 44: Fazendo a intervenção artística nos rascunhos do meu avô



Fonte: acervo da artista

Esses rascunhos ficarão expostos, numa mesinha, ao lado da câmera Yashica D, a primeira utilizada por ele, no início da sua carreira profissional, e a alguns monóculos que ele também produziu, constituindo assim um lugar muito especial, dentro do cenário, e que chamo de “O cantinho só dele”.

Junto a isso, dentre os objetos que compõem o cenário, como já citado, anteriormente, está o refletor com sombrinha, que tem uma função importante dentro do estúdio: auxiliar o fotógrafo a ter controle sobre a luz, pois ao ser acionado o flash, ela rebate instantaneamente no fundo da sombrinha. Nesta reconstituição, uma outra função bastante significativa é assumida, já que é a principal referência ao título escolhido para esta produção: “Chuva de memórias”. Na sombrinha, são penduradas várias tiras de negativos de filme 120 mm e 135 mm, revelados pelo meu avô, conforme é mostrado na imagem 41, as quais têm comprimentos diferentes e que sugerem uma chuva de memórias que representam a sensação

de estar sendo inundada pelas lembranças que as fotografias que fui encontrando, durante este percurso, me proporcionaram.

Além disso, o olhar do espectador é convidado a um diálogo bastante extenso com esses negativos, com essa chuva de memórias, a qual pode “molhar” um espaço que traz objetos retirados de um cenário que se completa no olhar e na memória do outro, como também, nos rascunhos do meu avô, que conta sua própria história; e ainda nos desenhos de uma menina artista que vai se reconhecendo em seus traços que abraçam sua infância na própria escrita do avô.

Imagem 45: Reconstituindo as tiras de negativos



Fonte: acervo da artista

Para complementar esse ambiente estético e, ao mesmo tempo, nostálgico, o qual convida o espectador a se aproximar, a adentrar no espaço e a explorá-lo, por meio do olhar, do sentir, do tocar e, assim, quem sabe, até mergulhar nas suas próprias memórias; uma caixa com álbuns e fotografias variadas, dentre elas, as que fazem parte desta escrita, é colocada em cima de uma mesinha, ao lado da cadeira principal do estúdio. Na tampa da caixa entreaberta, há um convite para o apreciador sentar-se na cadeira, como se fosse ser fotografado, folhear os álbuns e manusear as fotos, o que o aproximará mais do contexto de memórias sugerido pela instalação. Nessa interação, o passado de cada um pode, também, aflorar nas suas lembranças.

[...]“a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança”

[...]“a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (BOSI, 2001, p. 53-55)

Essa materialização do diálogo entre fotografia, memória e arte e a relação com a infância, por meio da reconstituição do estúdio em que estive, em boa parte da minha vida, permite que eu mantenha viva em mim, como já disse no “Começo de tudo”, a menina que não saiu da infância e que carrega, para todo o sempre, as lembranças de um passado distante. Um passado cheio de representações que povoam a minha consciência atual, como afirma Bosi (2001), e que se faz presente como expressividade artística.

Nas imagens a seguir, uma em arte gráfica, feita com a ajuda do meu irmão, e outra em fotografia, apresento a possível ideia de como será a instalação proposta, já que se trata de processo em construção.

Imagem 46: Ideia em arte gráfica



Fonte: acervo da artista

Imagem 47: Ideia em fotografia



Fonte: acervo da artista

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da pesquisa, muitas dúvidas e incertezas me cercaram, exceto uma: a certeza do tema que queria desenvolver. A fotografia sempre me acompanhou, sempre estive ao lado de quem, a qualquer momento, me fotografaria, principalmente o meu avô, o patriarca de uma família de fotógrafos. Depois de cursar a disciplina de Ensaaios fotográficos, com o professor Sérgio, o que já existia dentro de mim, despertou de tal forma, que acabou me convencendo que a fotografia seria a linguagem base deste trabalho. Segundo Soulages (2010, p. 13) “a fotografia faz sonhar, trabalha nosso devaneio e nosso inconsciente, habita nossa imaginação e nosso imaginário [...]”.

Além disso, é por meio da fotografia que, também, registramos os fatos vividos e guardados na memória e, que resgatamos ao visualizá-las nos álbuns, nas caixas e até mesmo soltas. Conforme Dubois (1993, p.30) “a fotografia é um auxílio da memória, um simples testemunho do que foi”. Foram vários acontecimentos, diversas situações, muitos momentos que trago até hoje nas minhas memórias, em especial, a minha infância. Foi nessa fase que, mesmo, atualmente, num corpo de uma garota de 28 anos, a alma se prendeu. Dessa forma, falar da minha infância numa relação com fotografia, memória e arte, tornou-se o meu desejo, o qual passou a ser o tema desta pesquisa: *Fotografia, arte e memória: abraçando a infância*.

Alguns questionamentos se fizeram necessários naquele momento porque as dúvidas e incertezas continuavam. Como fazer? Como relacionar fotografia e arte? Como a memória pode relacionar-se à identidade? Como materializar artisticamente toda essa reflexão? E tantos outros...ou seja, eu tinha um problema a ser solucionado, precisava de respostas: **De que forma materializar artisticamente as memórias trazidas pelas fotografias de um avô fotógrafo, que contam de uma menina que vai construindo a sua identidade artística?**

O desenvolvimento desta pesquisa, por meio das bibliografias consultadas, do diálogo com teóricos, como Barthes (1985), Dubois (1993), Kossoy (2001), Canton (2009) e Cotton (2010), da inspiração de artistas como Rosana Paulino e José Rufino e das conversas com a orientadora, levaram-me, enquanto uma artista em construção a me apropriar de alguns conceitos, a reconstruir outros, a estabelecer as devidas relações entre as abordagens feitas e, conseqüentemente, a refletir sobre o desafio de assumir uma identidade artística. Claro que não foi fácil! Mas, eu precisava insistir para poder me reconhecer artisticamente.

Nesse período de estudos e me (re)encontrando com a infância, guardei um conjunto de imagens e sensações que me ajudaram a rever meu percurso e a me reinventar. A história do meu avô, que é a minha primeira referência, continuou e continua comigo como algo forte

e potente. A história da fotografia e a história da Família Vieira foram compondo um mosaico neste desafio.

Durante a pesquisa, percebi de modo mais forte que a fotografia, além de registrar cenas fixas de momentos vividos, instiga as memórias a partir do instante em que provoca olhares sensíveis e estéticos. Portanto, busquei relacionar, por meio das imagens selecionadas e apresentadas: memória, arte e infância, enquanto contava de minha história vinculada à história de uma família que tem, na figura de meu avô, um patriarca de 81 anos, quem aprendi a admirar e amar.

Então, inspirada e envolvida com a imagem do estúdio fotográfico do meu avô, onde numa boa parte da minha infância estive, a instalação me pareceu um meio adequado para eu poder materializar as discussões feitas e os conhecimentos adquiridos. Um trabalho que foi sendo tecido aos poucos, em um processo de pesquisa que foi me fazendo ver as possibilidades de me fazer artista, contemplando meu jeito de ser e de fazer, meu jeito de escrever, de desenhar, de escutar e de compreender.

A instalação pensada, com a intenção de mostrar a relação direta entre memória e fotografia, usufruindo do hibridismo característico desse meio, permite a interação do apreciador com os objetos do estúdio, pois ao adentrá-lo, o toque, o manuseio das fotos, o olhar atento, a sensação de fazer parte do ambiente, contribui para que a poética sugerida possa fazer com que a busca das lembranças, das memórias, se reflitam nele mesmo.

Foi o que eu quis fazer, quando percebi que, aquela artista em construção, no começo de tudo, agora poderia realmente estar nascendo e, através das suas memórias, fazer com que os outros parem e resgatem as deles também, principalmente, as da infância, pois elas se eternizam dentro da gente, só precisamos buscá-las.

Diante desta experiência, sinto que amadureci meus pensamentos, construí um universo, além do que eu estava inserida, e pude ganhar confiança em mim mesma como artista que está nascendo. Sei que nada é acabado. Ainda tenho muito o que buscar e muito o que aprender para me perceber como artista. Acredito que outras possibilidades surgirão para que eu consiga concretizar a minha identidade artística e a minha arte.

Vou deixando meus desenhos sobre os papéis escritos pelo meu avô, a quem busco homenagear. Meus desenhos revelam um pouco de mim. Sei que não podemos falar de identidade sem colocá-la no plural. Então, assumo a identidade de menina, de mulher, de artista e de aprendiz de pesquisadora, como também assumo uma resposta ao problema deste trabalho como conclusão de curso, meu TCC: um trabalho plástico que chamo de “Chuva de Memórias”.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papirus Editora, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUDELAIRE, Charles. **[Correspondência]** Destinatário: Sr. Diretor da Revue Française. 20 jun. 1859.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 14 out. 2020.
- CANTON, Kátia. **Tempo e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COCCHIARALLE, Fernando. **Quem tem medo da Arte Contemporânea**. Recife: Editora Massangana, 2006.
- COCK, Richard; FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COSTA, Cacilda T. da. **Arte no Brasil 1950-2000**: movimentos e meios. São Paulo: Alameda, 2004.
- COSTA, Helouise. **Da fotografia como arte à arte como fotografia**: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970. Anais do Museu Paulista, 2010.
- COTTON, Charlote. **A Fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DE BARROS, Geraldo. **Fotoformas**. São Paulo: Raízes, 2003.

DE CASTRO, Natália P. **Fotografia e arte: da estética à sedução, uma visão sobre o lado artístico da imagem publicitária.** Assis: FEMA, 2012.

DE SOUZA, Júlia Bertolucci Delduque. **Reflexões sobre fotografia e arte: um olhar sobre Fotoformas e Sobras de Geraldo de Barros.** Porto Alegre, 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS, Belidson; e IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia.** Santa Maria: UFSM, 2013.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico.** Campinas: Papirus, 1993.

FLORES, Julia. **Todo fotógrafo é artista? O que transforma a imagem em um objeto de arte.** In UOL. São Paulo, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/19/todo-fotografo-e-artista-o-que-transforma-a-imagem-em-um-objeto-de-arte.htm>. Acesso em: 26 set. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARNIERI, Vanderleia. **A fotografia como recurso de memória.** 2011; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Avanços do Estatuto da Criança e do Adolescente são debatidos.** Brasília, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/eca>. Acesso em 2. out. 2020

PAGANOTTI, Caio. **Evolução e revolução do suporte fotográfico.** São Paulo, 2016.

QUINTAS, Georgia. **Fotografia e memória.** In. GEORGIA Quintas. Pernambuco: jan. 2008. Disponível em: <http://gquintas.files.wordpress.com/2008/03/fotografia-e-memoria.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** 5 ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da.; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Senac, 2010.

SOUZA, Mariana Jantsch. **A memória como matéria prima para uma identidade**: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista Graphos, vol. 16. Paraíba: UFPB, 2014.

STOLF, Raquel. **A instalação enquanto situação**: entre acontecimentos, proposições, inserções e outros desdobramentos. In: LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). Arte contemporânea em questão. Joinville: UNIVILLE, 2007. 76-85 p.

RUFINO, José. **José Rufino**. João Pessoa, 2020. Disponível em: http://www.joserufino.com/portu/depo2.asp?flg_Lingua=1&cod_Depoimento=59. Acesso em: 25 out. 2020.

RUSKIN, John. **Ruskin sobre a fotografia 1843-1887**. In: BAUDELAIRE, Charles; RUSKIN, John. Paisagem moderna: Baudelaire e Ruskin. Int., trad. e notas: Daniela Kern. Porto Alegre: Sulina, 2010.

WEBBER, Peter. **Moça com brinco de pérola**. Reino Unido: Lionsgate, 2003.